

# Textos

## Eduardo Mesquita Pasquali

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 21/03/2019

Título : A Procissão das Almas (POR and ENG)

Categoria: Contos

Descrição: Conto escrito em 2019, enviado para a prefeitura de Mariana, Minas Gerais.

A Procissão das Almas  
Eduardo Mesquita Pasquali  
Passo Fundo/RS

Dona Maricota era uma senhora viúva que morava no pequeno distrito de Mariana chamado Camargos, estado de Minas Gerais. Em 1962, quem entrasse no distrito pela estrada de terra que a conecta com Mariana, veria a humilde casa desta senhora a esquerda, pintada com as cores típicas da região: Paredes brancas, portas e janelas azuis.

Ela tinha uma vida modesta, e mesmo que fosse durante o dia visitada por familiares e amigas da vizinhança, à noite ficava normalmente sozinha, tricoteando em sua cadeira ao lado do fogão caseiro.

Sua rotina consistia em fazer comida e vender à vizinhança, tricotear para os netos e ir à igreja Nossa Senhora da Conceição aos domingos. Era muito beata, sabia diversas orações e tinha muitos crucifixos e santos espalhados pela casa. No dia 10 de abril, Sexta Feira Santa, ela foi à missa noturna acompanhada somente de uma vizinha, senhora bem mais velha do que ela. Depois da missa, elas foram para casa. Maricota notou a estranha tristeza da amiga, e ficou em dúvida se ela estava mesmo triste ou com alguma doença.

Em casa, olhou no relógio que marcava dez horas. Pegou o tricô que havia iniciado para um netinho e continuou o trabalho. Estava sentada ao lado do

fogão, como de costume. Gostava de dormir tarde para uma senhora da sua idade, e os vizinhos até brincavam com ela já que viam as luzes de sua casa acesas até por volta das três da manhã. Mas tinha muita energia e era bem ativa. Passado o tempo, ela desliga o rádio para prestar atenção em um barulho estranho vindo de fora. O cachorro do vizinho mais próximo, a mais ou menos oitenta metros, não parava de latir já fazia um bom tempo. Algo estranho no ar. Assim que desligou o rádio, conseguiu escutar melhor os rumores de fora, estalidos tipo de paus de madeiras batendo umas na outras, e um barulho que parecia se misturar ao vento, trazendo vozes humanas, e a cada dez segundos o retumbar abafado de um tambor.

Que estranho, não havia procissão a essas horas.

Foi logo à janela. Longe, perto das matas onde a estrada seguia para Mariana, viu fogos de tochas e uma grande multidão que andava a passos lentos. Vinham em sua direção. A senhora então ficou muito assustada, próxima ao desespero. Desligou todas as luzes ao dar-se conta de que logo passariam em frente à sua casa.

Quando a procissão finalmente se aproximou, a pobre Maricota espiava por baixo da cortina da janela de frente. O cachorro do vizinho latia cada vez mais forte. Na vanguarda da procissão ia um homem vestido de manto preto que cobria todo o seu corpo. Levantava uma cruz preta de mais ou menos seis metros que se inclinava para trás. Duas faixas estavam amarradas nela, em lados opostos. O restante do grupo vestia o mesmo manto só que branco, e estavam todos encapuzados. Carregavam tochas, velas em pires e alguns portavam até mesmo ossos. Cantavam em uma língua estranha, que Maricota julgou ser latim. Notava com pavor as palavras “Mortem” e “Nazareus” em meio ao cântico. O retumbar do tambor fazia ela tremer cada vez mais as pernas. Assustava-se a cada batida.

Não aguentando mais o pavor, saiu da cortina e foi sentar-se na cadeira da cozinha. Tudo escuro. Os sons pavorosos da procissão, a luz pela cortina, de fogo em tochas, o tocar de sininhos. O que seria isso? Os misteriosos peregrinos pareciam nunca parar de passar em frente à sua casa, grandiosos em número. A senhora rezava baixinho segurando um de seus terços que achou sobre a mesa.

“Virgem Maria me proteja!”

Deu tamanho pulo quando, inesperadamente, escutou alguém batendo em sua porta, violentamente. TUM TUM TUM. Três batidas. Fez o sinal da cruz por umas quatro vezes. “O que farei!?” Pensava. TUM TUM, mais duas. Ela, assustada, vai vagarosamente de encontro à sala. “Quem é?” Grita, nenhuma resposta. O coral de fora parece trocar o ritmo. “Agnus Dei, Qui tollis peccata mundi, Miserere nobis” Quando escutou a batida pela terceira vez, abriu decidida a porta da frente. Viu no pátio um dos homens vestidos de branco que saíra da procissão. Portava uma vela branca que mal tinha queimado. Em seu rosto, Maricota viu uma semblante horrível: Diversas veias negras a perturbavam, espalhando-se pelas bochechas e queixo como sanguessugas, e em seus olhos a íris dominava completamente toda parte dos olhos, em uma negritude sem vida. Seu semblante era de melancolia, a cabeça coberta pelo capuz.

— Boa noite, senhora. A paz do senhor esteja com você! A noite é agradável, a procissão do Miserere segue sua peregrinação até o cemitério. Sabe, senhora lúcida e amiga, não há melhor obra dos vivos e dos mortos do que prezar pela imagem de Deus e louvar nosso senhor Jesus Cristo, que se sacrificou por nós.

Só assim limparemos nossa alma e seremos brandos como a água. Vemos na lama a sujeira humana, vemos no cerne dos vivos a corrosão da inocência, e é assim que vós chegais às portas do inferno. Somos almas que buscam reconciliação com o nosso senhor e a igreja por havermos tido vidas pecaminosas. Não escutamos ao sábio e não prezamos pela juventude casta. Ei-los! As almas se vão. Peço-te apenas que deixe esta vela ao lado de sua cama até o domingo da ressurreição, quando algum servo do senhor irá até sua porta para a recolher. Adeus! Non timebo mala quoniam tu mecum es.

E assim deu o pires para a senhora e virou as costas juntando-se outra vez ao grupo que retirava-se. Maricota ficou na porta por alguns minutos vendo o cortejo afastar-se. Estava pálida e ainda nervosa. Voltou para a cama, deixou a vela de lado, e colocou-se a rezar por toda a noite.

No dia seguinte, não viu nenhuma pegada na estrada de terra, apenas rosas e alguns ossos espalhados que confirmavam a história. Ao perguntar aos vizinhos, eles disseram que ouviram tudo durante a noite, mas que não se atreveram a olhar pela janela, pois diz a lenda que quem a visse perderia sua alma. Ela, muito assustada, recolheu-se em sua casa e não aceitou nenhuma visita durante o sábado. No domingo, tricoteava novamente em sua cadeira ao lado do fogo quando, às seis da noite, surpreende-se com alguém batendo em sua porta. Era um fim de tarde de nuvens, trovejava e anunciava chuva. As ruas estavam desertas, apenas os cachorros e gatos iam e vinham. Ao abrir a porta, deparou-se com um ser horripilante: Um esqueleto possivelmente de criança, pois media mais ou menos um metro e quarenta, que ficava de pé e fazia gestos. Não se sabe por qual ciência, ao abrir a boca, falava:

— Boa tarde, senhora. Não te assustes, vim apenas pegar a ossada que lhe foi confiada pela peregrinação das almas. Logo estarei em outro lugar, longe daqui, então não te assustes!

A senhora então foi buscar a vela em seu quarto. Para seu espanto, viu que a vela havia se transformado em ossos humanos. Pegou elas e meteu-os em um saco. Deu a tal monstruosidade, que saiu estalando os ossos em direção ao cemitério. Ela, apavorada, recolheu-se.

Semanas depois os vizinhos perceberam que ela não estava bem. Ficou doente, de uma doença aguda e rara, que lhe fazia vomitar e a recusar comida. Passava o dia todo rezando, não tinha cabeça para o tricô. A velha vizinha que a havia acompanhado na sexta-feira santa estava lá para cuidá-la dia e noite. Em um momento de delírio e febre, dona Maricota conta à sua amiga toda a história daquela madrugada. A vizinha, com expressões de preocupação e tristeza, ficou muito inquieta com o relato. No dia seguinte, também em uma sexta-feira, dona Maricota foi encontrada morta em sua cama pela amiga, que chorou copiosamente.

— Que Deus te receba de braços abertos, minha querida. E logo estaremos juntas conversando no paraíso.

Mas esta senhora viveu por mais alguns anos. No ano seguinte a morte de sua amiga, na sexta-feira santa, ela escutou à meia noite e cinco uma peregrinação se aproximando do distrito. Arrepiou-se ao lembrar da amiga falecida. Ao prestar atenção aos peregrinos, viu aquilo que suspeitava: Em um dos encapuzados distinguiu o semblante da amiga, que carregava uma vela na mão. Assim que passou, disse: “Maricota! Maricota! Estou aqui!” mas ela nem deu atenção para a amiga e continuou cantando tristemente os cânticos em latim.

Quando a comitiva estava prestes a passar por completo, a vizinha ouviu alguém batendo em sua porta, e não teve coragem de abri-la. Depois de alguns minutos, parece que desistiram de fazê-la abrir, e a peregrinação passou e a senhora voltou a dormir, pensando nos mistérios que Deus impõe a nós, simples mortais, e o quão importante é ir à igreja e ter uma vida tranquila nas mãos do divino.  
FIM

The Procession of Souls  
Eduardo Mesquia Pasquali

Mrs Maricota was a widowed lady who lived in the small district of Mariana called Camargos, state of Minas Gerais, Brazil. In 1962, anyone who entered the district along the dirt road that connects the district with Mariana would come across this lady's humble house to the left, painted in the typical colors of the region: white walls, blue doors and windows.

She lived a modest life, and even if she was visited by relatives and friends in the daytime, at night she was usually alone, knitting in her chair by the wood-burning-stove.

Her life consisted of making food to the neighbors, knitting for her grandchildren and going to Nossa Senhora da Conceição church on Sundays. She was very faithful, knew several prayers and had many crucifixes and saints scattered throughout the house.

On April 10, Good Friday, she went to the evening mass accompanied only by a neighbor, a lady much older than her. After the mass, they went home. Maricota noticed her friend's strange sadness, and wondered if she was really sad or sick. At home, she looked at the clock that pointed ten o'clock. She took the knitting she had started for a grandson and continued the work. She was sitting by the stove as usual. She liked to sleep late for a lady of her age, and the neighbors even made fun of her as they saw the lights in her house on until about three in the morning. But she had a lot of energy and was very active.

Later, she turns off the radio to listen for a strange noise from outside. The nearest neighbor's dog, about fifty feet away, had been barking for a long time. Something strange going on. As soon as she turned off the radio, she could better hear the rumors outside, cracking wooden sticks, and a noise that seemed to mingle with the wind it carried, bringing in human voices, and every ten seconds the muffled rumble of a drum sound.

How strange, there was no procession at this time.

She came to the window. Far away, near the woods where the road led to Mariana, she saw torches and a large crowd that was walking slowly. They were coming toward her. The lady was then very scared, almost in panic. She turned off all the lights in the house, realizing that they would soon pass in front of her house.

As the procession finally approached, poor Maricota was peering under the curtain in the front window. The neighbor's dog was growing stronger and stronger on its barking. In the vanguard of the procession was a man dressed in a black cloak that covered his entire body. It raised a black cross about twenty feet that leaned backward. Two bands were tied to it on opposite sides. The rest of the group wore the same cloak but white, they were all hooded. They carried torches, saucer candles, and some even carried bones. They sang in a strange

language, which Maricota realized it was Latin. He dreaded the words "Mortem" and "Nazareus" in the midst of the song. The pounding of the drum made her legs tremble more and more, startling with each beat.

No longer holding the dread, she stepped out of the curtain and went to the chair that she always sat. All dark. The dreadful sounds of the procession, the light through the curtain, of fire in torches. The ringing of little bells. What would that be? The mysterious pilgrims never seemed to stop passing in front of their house. The lady prayed quietly holding one of her rosaries she found on the table.

"Virgin Mary protect me!"

She jumped when she unexpectedly heard someone knocking on the door violently. Knock Knock! Three beats. He made the sign of the cross about four times. What am I going to do? Knock Knock, two more. She startles the door slowly. "Who is it?" she shouts, no answer. The outside choir seems to change the rhythm. "Agnus Dei, Qui tollis peccata mundi, Miserere nobis" When she heard for the third time someone knocking on the door, she opened it resolutely. She saw one of the white-clad men who had come out of the procession to knock on her door. It had a white candle that had barely burned. In his face Maricota saw a horrible countenance: several black veins disturbed his face, spreading over his cheeks and chin, and in his eyes the iris completely dominated every part of his eyes in lifeless blackness. His countenance was one of sadness, his head covered by his hood.

- Good evening, ma'am. The Lord's peace be with you! The evening is pleasant, the Miserere procession follows its pilgrimage to the cemetery. You know, lucid lady and friend, there is no better work of the living and the dead than to cherish the image of God and praise our Lord Jesus Christ. Only then will we cleanse our souls and be as soft as water. We see human dirt in the mud, we see in the core of the living the corrosion of innocence, and this is how you come to the gates of hell. We are souls who seek reconciliation with our lord and the church because we have had sinful lives. We do not listen to the wise and do not value chaste youth. Hey there! The souls are going away. I only ask you to place this candle by your bed until resurrection Sunday, when some good soul will come to your door to gather it. Bye! Non timebo mala quoniam tu mecum es.

And so he gave the saucer to the lady and turned his back to join the group that followed. The lady still stood at the door for a few minutes watching the procession walk away. She was pale and still nervous. She went back to bed, set the candle aside, and began praying for all night.

The next day, she saw no footprints on the dirt road, only roses and a few scattered bones that confirmed the story. Asking the neighbors, they said they heard everything at night, but did not dare to look out the window, as legend has it that anyone who saw it would lose their soul. She, very scared, retired to her house and did not accept any visit during Saturday. On Sunday, she was knitting again in her chair by the fire when, at six o'clock in the evening, she hears someone knocking on her door. It was a cloudy afternoon, thundering and announcing rain that would soon fall on the district and region. The streets were deserted, only dogs and cats came and went. When she opened the door, she came across a horrifying being: A skeleton, possibly childish, for he was about six feet tall, standing and gesturing. It is not known by what science, when he opened his mouth, he said:

- Good afternoon, ma'am. Do not be afraid, I just came to take the bones given to you by the pilgrimage of souls. Soon I'll be somewhere else, away from here, so don't be scared!

She then fetched the candle from her room. To her astonishment, she saw that the candle had turned into human bones. She took them and put them into a bag. She gave it to such a monstrosity that went away snapped his bones toward the cemetery. She, terrified, withdrew.

Weeks later the neighbors realized that she was not well. She became ill from a rare acute illness that made her vomit and refuse food. She spent all day praying, no longer felt like knitting. The old neighbor who had accompanied her on Good Friday was there to take care of her day and night. In a moment of delirium and fever, Mrs. Maricota had told her friend the whole story of that dawn. The neighbor, with expressions of concern and sadness, was very uneasy with the report. The following day, also on a Friday, Dona Maricota was found dead in her bed by her friend, who cried copiously.

"May God welcome you with open arms, my dear. And soon we'll be together talking in heaven."

But this lady lived for a few more years. The year after her friend's death on Good Friday, she listened at midnight and five as a pilgrimage approached the district. She shivered as she remembered her late friend. Paying attention to the pilgrims, she saw what she suspected: In one of the hooded she distinguished his countenance from her friend, who carried a candle in her hand. As Maricota passed by, she said, "Maricota! Maricota! I'm here! "But she paid no attention to her friend and continued to sadly sing the Latin songs.

As the entourage was about to pass, the neighbor heard someone knocking on her door, and didn't have the courage to open it. After a few minutes, it seems that they gave up on knocking the door, and the pilgrimage passed and she went back to sleep, thinking of the mysteries that God imposes on us simple mortals, and how important it is to go to church and have a quiet life in God's hands.

END

Data : 01/01/2020

Título : A Vampira

Categoria: Poesia

Ao amanhecer retornas ao teu palácio  
Tranca-te ao quarto, janelas fechadas  
A treva é densa e silenciosa...  
O barulho lá fora soa como  
Vozes de outro mundo. É ali que repousas,  
Depois das noitadas, e sonhas com os falecidos  
Que já andara junto.  
Dormes no colo da saudade

Tens a nostalgia de quem chora  
O sol lá fora, teus débeis olhos,  
Já fazem anos que estão desacostumados  
Aos rumores e sóis do dia-a-dia;  
Às faces cujo banhar da luz ilumina.  
Só te lembras quando, ainda moça,  
Via o rosto corado de teu jovem amado  
Que morreu e não teve a mesma sorte.

Hoje vagas por aí tristonha,  
Já pesam os anos que passaram  
E só por entre cemitérios e valas;  
Com amizades cada vez mais mesquinhas,  
Ainda sobrevivente a ti mesma que te recordas  
Da mórbida noite em que te tornaste vampira.

Ano : 2020

Título : A visita noturna

Categoria: Contos

Meu nome é Ricardo. Moro no centro da cidade de Doirada, sul do Brasil. A minha vida é basicamente trabalhar, estudar e dormir. Como qualquer outra pessoa. Nunca tive problemas mentais nem sofro de alucinações. Nenhum histórico médico grave. Uma vida simples e sem muitas surpresas. Recentemente, no entanto, venho sofrendo com visitas noturnas de uma única... coisa.

É estranho, moro no décimo oitavo andar do edifício Lealtà e sempre sinto que alguém está caminhando do lado de fora da janela do quarto. Corro para fechá-la! E todas do apartamento também. Parece que gruda na parede sempre perto da minha janela.

Certa noite acordei perto das quatro da madrugada. Vi que a coisa estava no chão, a janela aberta! Ela estava ali imóvel, olhando para o guarda-roupa. Seus cabelos eram escassos, brancos e raros. Sua pele enrugada cor de pele. Parecia a junção de gato com pessoa, mas aqueles gatos sem pelo, feios. Lembrava um pouco o Gollum do Senhor dos Anéis. Eu não tive reação a não ser continuar olhando para aquela figura e esperar. Se pulasse em mim eu ali morreria de susto. Mas não, ela espontaneamente saiu engatinhando rapidamente até a porta, arrastando seus pés e pernas moles. Parecia respirar em seu peito informe e inchado. Revirei-me na cama, assustado. Nesse momento, a coisa pareceu perceber que eu acordei, e então engatinhou

rapidamente até a parede. Escalou com seu torso dobrado até a janela e saiu noite afora. Ela conseguia escalar a parede sem problema algum. Seus pés faziam barulhos úmidos.

Deixou no chão do meu apartamento uma secreção marrom, que não tinha cheiro algum.

Peguei uma amostra daquilo e levei até um biólogo amigo meu. Ele está analisando agora.

Dias depois, um homem me abordou na rua em meu caminho para o trabalho. Disse: Você que mora naquele prédio, isso? Era meu vizinho, morava na terceira rua ao leste de casa. Consenti. Ele disse: Meus filhos vivem dizendo que veem algo escalando as paredes, lá no alto, e que essa tal coisa fica olhando para dentro daquela janela. Eu não acreditei até olhar com os meus próprios olhos!

Era bem a que eu morava. Eu não podia estar delirando. Contei a ele que a tinha visto e sempre a escutava caminhar por fora, e que muito medo sinto ao dormir de noite.

Não sei que diabos é aquilo. Espero o resultado do meu amigo biólogo para saber mais. Enquanto isso, fecho todas as janelas durante a noite e durmo na sala, e tenho pesadelos sinistros. Acho até que precisarei de terapia para superar o trauma.

Deixo este relato na internet, em chats e fóruns, comunidades e redes sociais, para ver se alguém já sofreu com igual sorte. Espero obter respostas, já que o mundo sobrenatural nunca pareceu estar tão próximo.

Data : 01/01/2019

Título : Beatriz

Categoria: Contos

Doirada é uma cidade situada na região serrana do Rio Grande do Sul, perto de Bento Gonçalves e Gramado. Cidade fundada por Portugueses e que nos séculos XIX e XX, muitos imigrantes italianos e alemães vieram morar nessa cidade bonita e preservada. Região histórica, produtora de vinho e diversos materiais agrícolas. O seu povo, muito supersticioso e religioso, contém uma cultura estranha, uma mistura de cristianismo com diversas outras religiões africanas, indígenas e ciganas. Muitos mistérios cercam a cidade, o seu povo teme o mal como ninguém, e há muitas histórias estranhas e sobrenaturais que ali ocorrem.

Beatriz

Casaríamos hoje, em um sábado de sol. A Catedral de Doirada estaria pronta para recebermos. Os convidados chegariam cedo, a dama de honra e o pajem primeiro. O pai da moça, meu sogro, homem grosso e de maneiras camponesas daria a mão a Beatriz, acompanhando-a até o altar. Eu, feliz, lhe daria a palavra, pegando a sua mão do ente paterno, e o padre conduziria o evento mais feliz da minha vida.

Ah, como seria bom! A vida seria tão doce ao lado dela! É certo que nos dávamos muito bem, e a nossa amizade evoluiu até tornar-se paixão ardente, daquelas que o casal se distancia das outras pessoas para viverem juntos. Na verdade, e isso pode parecer bem romântico, eu queria que todo mundo desaparecesse, e que ficássemos só eu e ela no planeta. Pensava que nada mais importava. Tínhamos a amizade mais sincera, de Davi e Jonatas, e o amor mais ardente um para o outro. Andávamos seguidamente pela rua e observávamos a natureza, contávamos anedotas, discutíamos filosofia. A mão dela quando segurava a minha me fazia sentir acolhido, ao ponto de eu ficar feliz por dias só de tê-las tocado. A sua voz me prendia, soava alegre e bem definida. Seus cabelos ondulados e castanhos, os olhos verdes e claros, os beijos ao pé da cachoeira me faziam viver em um paraíso. Ninguém me entedia como ela. Eu passava dias sem querer sair de casa, pronto para vê-la. Jogávamos poker e assistíamos filmes, combinávamos de ler livros ao mesmo tempo, aprender piano; enfim... Beatriz era tudo para mim!

Até que algo acontecera e fora o fim de meus sonhos...

Imaginem só o meu estado ao saber do desastre que ocorrera ontem, na véspera do casamento, e que me despedaçou a fronte e congelou o meu coração. Até aqui pareço que não respiro! Há um buraco em meu peito que jamais será preenchido. Ela tombou de um cavalo durante as sessões de fotografia para o evento, e batendo a cabeça (o crioulo assustou-se com um foguete) veio a sofrer trauma cerebral e entrou em óbito sete minutos depois da queda, antes mesmo do socorro chegar. Após o ocorrido, ao me aproximar, penso ter delirado. Não conseguia chorar e todos ao meu redor tornaram-se inaudíveis. Meu peito estava se arrebatando aos poucos, a cabeça dela com o sangue que saía e depois os peões e depois os médicos me faziam desacreditar no que via. Ali estava Beatriz e não podia estar morta! Juro que ela até me olhava e me acompanhava com os olhos ao ser carregada em uma maca até a ambulância. Depois disso julgo ter desmaiado, e não pude me expressar nem falando nem mesmo olhando para alguém, enquanto eu tomava consciência dos fatos. Não houveram palavras, e só agora escrevo com o sentimento de quem está também morto, pois não penso existir vida amanhã. A angústia em casos assim só pode ser meramente descrita (pois é impossível fazê-lo plenamente) por aqueles que já passaram por tais situações. Com ela morta, ninguém mais me alegra, e jamais serei o mesmo (se é que existirei a partir daqui).

Pensaria o mais cético dos observadores que o desmantelamento de um casório poderia ser cômico ou trágico, e as senhoras da cidade se acotovelariam para conseguir informações. “Que foi que houve?”, “Qual o motivo? ”; “Ele tinha outra? ”, “Ela também? ” e assim seguiriam as mais variadas especulações que, de fato, decorreram. Triste pensar que a notícia se espalhou assim tão ligeiro. A morte de Beatriz na véspera girou por toda cidade, e misturou-se com cochichos que incrementam a história, dando-lhe os aspectos mais frios e covardes da boca do povo.

Escrevo hoje para secar as lágrimas, pois eu a amava mais do que todo mundo. Antes dela, nunca me senti bem socialmente, fazia amigos dificilmente e, portanto, não achava graça ao conhecer pessoas novas. As mulheres pareciam-me sem originalidade e todas iguais umas às outras. Além disso, sempre tive gostos que poderiam ser considerados estranhos para a sociedade atual, como caminhar por horas como um dândi na cidade, cruzando pontes e cemitérios; observando de longe as junções sociais sem participar. A solidão que me corroia

deixava em meu coração um buraco onde um amigo poderia ocupar. Alguém cujo qual eu pudesse desabafar e conversar sobre qualquer assunto.

Até que Beatriz surgiu inesperadamente, tão parecida comigo que chegou a assustar! Teria alguma entidade que controla o destino posto ela em minha vida? Seria ela assim tão confortante para mim ao ponto de eu perder o interesse nas outras pessoas e de ser frio com elas?

Ontem senti que perdi minha alma...

E há ainda um fato esquisito e altamente perturbador na noite de hoje, domingo, a primeira de luto. Sinto que devo registrá-lo para que se alguma hora eu perder o juízo (sinto que não poderei mais dormir), alguém esteja ciente através destas palavras.

Moro em uma vila nobre da cidade chamada Piazza Bianca, muito bonita pela jardinagem e presença de árvores (onde costumávamos por vezes sentar nas pequenas praças). O casarão, projetada por Beatriz, de estilo americano e ao gosto rupestre de projetar da arquiteta, é singularmente bonito. Ela amava o estilo antigo de construções, e o material usado era do melhor. Há um alpendre largo por volta e um espaço de cinquenta metros quadrados na parte do fundo, murado e sempre iluminado, onde mora o Tony nosso pastor alemão. A casa é na verdade um sobrado que surge na rua Olavo Bilac. Jamais nos preocupamos muito com bens materiais, na verdade o terreno fora-nos herdado de meu pai, e a construção fizera parte do projeto de pós-graduação em arquitetura de Beatriz. O resultado final e a nota máxima da apresentação nos fizeram decidir que lá moraríamos juntos. Beatriz tinha vinte e cinco anos até então (imaginem a sua superior inteligência e disposição), e adquirimos a propriedade com um enorme desconto por ter sido projetada por ela.

Temos uma camareira e uma empregada que trabalham todos os dias da semana. A primeira se chama Valídia (apelido Val), muito amiga nossa, e a segunda Silvia, uma jovem muito dedicada que estuda ciências contábeis pagando sozinha os estudos. O meu quarto e de Beatriz fica no segundo andar à direita, subindo a escada do hall de entrada. Lá em cima temos dois banheiros, um quarto de hóspede com dispensa à esquerda, e o quarto de Valídia perto da janela lateral da casa. Valídia mora ali desde que ficou viúva, e sempre a consideramos parte da família (ela seria madrinha do nosso casamento). Davanos conselhos sobre a vida e contava causos absurdos de seu passado. É curandeira e sabe fazer de tudo para nos sentirmos bem.

Ontem, depois do desastre mencionado, e das condolências e rostos pavorosos, fugi de todos e fui parar em um bar no bairro Jesuíta, longe da cidade. Naquelas vilas perto do setor rural, pouco urbanizado. Passei ali não sei quanto tempo, havia desmaiado e pessoas estavam preocupadas com a minha saúde, e eu só queria ficar sozinho, quem sabe para não chorar.

Comecei a beber penso que foi às sete da noite. No bar podia-se ver as montanhas que circundavam a cidade. O clima tornou-se feio, cochichava-se no bar sobre chuva. Depois de tomar não sei quantas garrafas de cerveja e bebido uns cinco copinhos de cachaça, sem falar com ninguém, desabei em lágrimas por baixo do teto lateral do bar. Ninguém podia me ver ali, ao canto só a sombra de árvores e arbustos. Chovia forte, e eu tentava procurar Beatriz no meio do nada, pensando: É tudo mentira.

Certa hora alguns bêbados começaram a puxar conversa perturbando-me. Não conseguia conversar com eles, nem expor o meu sofrimento; os meus olhos estavam vermelhos de chorar e acredito que um ou outro dos frequentadores

perceberam que algo errado acontecia comigo. Incomodado, creio que fora perto da uma da manhã, fui embora a pé sem me preocupar em andar sob chuva. A caminhada durou quase uma hora. As esquinas e ruas solitárias da cidade; os rumores de sábado onde pessoas intensificam o uso do vício. “Estariamos agora celebrando”. “A festa seria linda! Preparamos tudo antecipadamente”.

No meio do percurso refletia o quanto eu a amava. Ninguém me tratara assim tão bem! Ela era como um anjo, a única pessoa da qual me importava e que me entendia. Pelas ruas, um consolo estranhíssimo senti... como se ela tivesse morrido há décadas. Cambaleava e até ria! Um misto de sentimentos me assaltava a cada esquina. A escuridão das ruas, a luz laranja dos postes, acho que o álcool e às sombras me faziam até tranquilo, numa tristeza confortável e sutil. Por duas vezes encostei-me no muro e ali sentei, para tomar fôlego. As luzes ofuscavam-me e me traziam dores.

Assim que cheguei em casa, abri a porta e fui cambaleando escada acima até chegar no quarto.

Vendo aquele lugar deserto, os móveis decorados para que tivéssemos a primeira noite como marido e mulher, com faixas brancas de seda e algumas orquídeas por cima dos cômodos, um quadro virado para trás perto do armário, eu sabia que ali estava a foto tirada em Praga, ano 2006, eu abraçando ela e ambos sorrindo.

Creio que Valídia não tivera tempo de voltar para cá, chocada que a coitada estava. Eu, com horror a tudo aquilo, consegui apenas desligar a luz com alguma dificuldade e deitar-me na cama.

A cama é bem grande e nova, de colchão confortável de molas e penas (compramos à mais ou menos sei meses). O nosso quarto, espaçoso, ocupa metade do segundo andar. Há uma portinhola no teto que leva ao sótão, Beatriz sentia medo daquele lugar, mas penso que era só para me fazer rir. Desatei a chorar com angústia agora, me virava para todo o lado, não queria ainda acreditar que aquele momento acontecera. Como pode uma coisa dessas? Logo no casamento, logo comigo? Nunca chorei tanto como essa noite.

Tudo isso foi tão rápido como acabei de narrar, ou pelo menos daquilo que foi-me possível guardar. Assim que peguei no sono, e acredito ter adormecido alguns minutos depois da crise choro, tive um sonho esquisito. Ainda não estou seguro de que se tratava realmente de um sonho, alucinação ou vai saber lá o que, mas lembro-me ter visto a praça Farrapos toda deserta cedinho da manhã, com galos cantando e quase nenhum carro passando, alguns bêbados ou mendigos que madrugaram indo sabe-se-lá onde. Uma memória antiga, muito querida. Lá nessa praça estava eu e Beatriz de mãos dadas, acredito que fora a primeira vez que nos beijamos, e ela estava magnífica naquele dia! Usava um lenço marrom na cabeça como tiara, cabelos presos, olhos meigos. Éramos tão crianças e suspeitos da vida! No sonho a tocava e sentia, mas não falávamos palavra. Ela estendeu a mão e eu beijo, sinto um gosto de metal: Ela estava de anel, o mesmo que eu a havia comprado. Soltava risinhos despreocupados, como fazia quando estava feliz.

Depois, não me lembro o que aconteceu, só de ter acordado com gosto de cachaça na boca e me sentido exausto. Ainda noite. Custou-me ir ao banheiro. Tony latia lá fora, o barulho repentino vinha de longe. Tudo escuro. Voltei a dormir sem olhar as horas.

Recordo bem de ter certa hora do sono sentido mãos suaves que acariciavam a minha cabeça. Tais movimentos vieram aos poucos, primeiro quando eu já

estava beirando o estado REM, voltando ao estágio anterior do sono (confortava-me tanto!). Depois veio uma segunda vez, suavemente me afagando a cabeça e acariciando o peito. Dessa vez estava um pouco mais ciente e acordado, ainda que o arrepio que sentia não fosse absoluto a ponto de eu despertar completamente. Sentia-me tranquilo, naquele momento uma paz de estar com tudo em ordem. Eu sabia que ela estava ali, fora tudo pesadelo! Meu amor, eu então a segurei pela mão; era dela, absolutamente! Um pouco fria... e então achei a cabeça, seu perfume estava me enfeitando, do mesmo modo como ela o usava apenas quando ia dormir: Cheiro de alecrim. Achei-a então a cabeça, os cabelos macios e ondulados. Seu cheiro, eu o sentia, abracei-a mais e mais forte, certa hora peguei no sono novamente (O cheiro docinho do alecrim). Não sei quanto tempo depois, acordei e dessa vez mais consciente e abri os olhos. A luz da janela refletia os primeiros raios do sol, sabiás cantavam lá fora, Tony latia no fundo. Beatriz estava ali virada para o lado da janela, de certo dormia. Então comecei a soluçar com enorme vontade. Lágrimas jorravam de meus olhos molhando o ombro de Beatriz. Ela vira-se, pálida como a luz que vem da janela.

- Que foi amor?

- Não sei... Não sei o que me deu.

- Não fique triste! Estou aqui, e sempre estarei. E olhe aqui – Disse-me ela, enquanto estendia a mão: - Sou sua esposa! Não é magnífico?

- Muito! – Respondi, sem conter mais lágrimas de alegria.

Depois segurei a sua mão e dormimos lado a lado. Dei-lhe um grande beijo na nuca e adormeci novamente.

Quando acordei, no dia de hoje, a luz do sol entrava pela janela (de tom forte, de certo já era tarde). Ao tentar achar a mão de Beatriz do outro lado, não as encontrei. Virei para o outro lado, nada...

Estava sozinho.

Então cheirei a coberta de cima, o lençol, o cheiro de alecrim ainda presente. De fato, como amanhecíamos todo o dia: Ela adorava se perfumar antes de dormir. Corri então desesperado atrás de Valídia. Achei-a na cozinha, ela surpresa pelo meu comportamento.

- Val! Venha cá, pelo amor de Deus!

Ela então arregalou os seus olhos e seguiu-me suspeita.

Ao chegarmos ao quarto, disse-a:

- Sente alguma coisa?

- Como assim?

- Não sentes nada em nosso quarto?

Ela então disse, para o meu espanto:

- Desculpe muito por eu não ter tirado as coisas daqui antes, realmente me sinto muito estúpida! E meu filho, na verdade sinto apenas o cheiro típico do lugar.

- Que cheiro é esse?

- De alecrim.

Fiquei estarecido. Não tive mais um pingo de juízo. Mesmo assim o costume me fez disfarçar na frente dela, dispensando-a.

Agora estou aqui, sem saber o que fazer, e Beatriz ao meu lado ontem à noite... perderei o juízo? Fora apenas o choque do momento? Não sei dizer... Mas aqui deixo o registro mesmo que não acreditem.

Gostaria que estivesse com ela, ainda que do outro lado dessa triste vida.

FIM

Data : 01/01/2019  
Título : Chandana (Sandalwood Scent)  
Categoria: Poesia  
Descrição: English Text

And then I sense, my life restarts:

Reborn I feel, introduced by a strange divine  
In my chamber the smoke goes up with joy  
Merged with the night, a mystifying delight,  
The Sandalwood scent, the precious vine.

You in your chamber, lied on bed:  
“What may he be doing right now?” – She wonders  
Are questions that all of us one day have done  
But at this time – Ponder I with a smile –  
It is fate to be matched, a love reborn.

And I see the few people crossing the streets

And I see my future in this. The shadows  
The ordinary citizens coming and going  
The dogs barking, the cats by the yards  
And all is joy for the rest of my life.

And what if... she loves me?

And the smoke of the incense reminds her of me  
And the night which brings my words to her ears  
And the cosmos, the nothingness, the gloom of  
All evenings. What if she loves me?  
Wonder I with tears.

A perfect life in a chaotic reality  
My eyes as they grasp in a state of oblivion  
In the streets of my dreaming,  
In the state of my mind.

What else shall I await, other than...  
Your touching like serene dew  
On the flowers that weep,  
Falling to the ground.

What if she loves me?  
Wonder I with tears.

Data : 02/10/2015

Título : Cômico Pessimismo

Categoria: Discursos

Descrição: Uma observação ácida do sistema humano.

Eis porque estamos doentes em um mundo horripilantemente humano:  
Estamos acostumados com as sirenes; com a polícia, com as notícias...  
Sentamos todos os dias em redor da mesa. Enquanto comemos, ouvimos de relance as tragédias da terça-feira.  
Saímos à noite desconfiados. Andamos de carro para logo estarmos em casa.  
Desviamos o olhar quando um sujeiro passa. Tomamos cachaça para esquecermos do resto...

Eis o mundo comicamente humano,  
Onde viver é um sorriso falso.

Ano : 2020

Título : Contemplar a lua

Categoria: Contos

Dedicado a Peter Steele

Os melancólicos hábitos do senhor Pedro S., mesmo não deixando de ser fantásticos, assustavam muita gente. Os vizinhos do nosso casarão viam-no toda noite, nunca no mesmo horário, caminhando vagarosamente até as formidáveis pedreiras na entrada do parque ao lado, onde a natureza esbanja suas doces criações em uma biosfera divina e natural.

Durante a noite, deserta, podia-se enxergar este senhor calvo, mas de semblante lívido e tristonho a contemplar ora o bosque e, com mais frequência, a lua. — É perigoso! — chama a atenção um vizinho desconfiado — Este homem de idade já avançada é um mistério, ou vários, em pessoa.

...Mas convenhamos, são singularidades curiosas, e quando alguém perguntava a este "mistério" sobre suas caminhadas, ele respondia tranquilo e de boa vontade — Vou lá apreciar a lua, tocar meu violão. Concordas comigo

que, sempre que olhamos para ela, tem-se a impressão de tê-la visto pela primeira vez? — Sim, talvez isto o justifique, um lunático. Mas a certeza que tenho de que há algo a mais do que a meditação me torna ainda mais curioso dos fatos. Devaneio, oração? Talvez adorasse ali algumas lembranças passadas. Sua contemplação era sonora, o que dava graça à noite e mesclava-se ao silêncio. Era uma música antiga e suave que, se me recordo bem, cantava-se assim:

" Hey my lady in black  
Now I see you're back  
Haven't seen you in a while  
Kinda miss your deadly smile  
On a windy night  
On a windy night  
Hey my lady in death  
Have you come for my last breath " 1

Tempo passa, e o senhor Pedro sentia-se fraco sem perder o brilho da vida em seu sorriso. Acabara por levar copos de água para a cama e suas visitas à pedreira se tornavam cada vez mais intensas. Parecia que tinha algo a dizer para todos nós, sua família, mas sempre falava consigo mesmo e cantava cada vez mais alto até altas horas. Os vizinhos fechavam as janelas, sem entender se seu Pedro já estivera falecido ou não.

Foi no dia 14 de Abril que, em uma noite iluminada pela lua cheia, ele não voltou mais do bosque. Foram encontra-lo sentado na mesma pedra em que sempre se sentava, de cabeça baixa e o violão no chão. Sem o ter quebrado, talvez tombara, e o instrumentista jazia ali como se mergulhasse em si mesmo. Não havia mais vida naquele corpo, estávamos de luto e todos menos eu choraram em seu enterro. Aquela vida magnífica, eu sabia, conformou-se com a morte que chegara em um momento propício e bom. É estranho como as pessoas escolhem os lugares e a hora para falecer; o senhor Pedro S. escolheu morrer depois da meia noite, perto do bosque, para finalmente viajar até a sua preciosa e querida lua.

Data : 01/01/2020  
Título : Conto Serrano  
Categoria: Poesia

Conto Serrano

Que dó dos tempos que passaram  
Que só nos sonhos por vezes invoco!

Causos nos sítios em um bar Serrano  
No escuro breu junto a velas e tábuas!

E lá pelas tantas, reconhecia-se tios e avôs  
E os amigos por entre a farra gargalhavam,  
Eram dias de comemoração da Festa do Divino  
Uma noite fria de lua furtiva e minguante.

Lembro-me bem desses ternos tempos  
Por guarda-los com carinho na memória  
Bebia-se vinho e jogava-se cartas  
E até o padre sentava em uma mesa.

O cricrilar dos grilos ressoando  
O bater de asas de pássaros noturnos  
Também o cheiro da lenha queimando ao forno  
Onde o bodegueiro preparava pinhões e o mate.

Um relógio antigo preso à parede contava  
Nove e meia, 'inda cedo para os homens  
As mulheres junto aos rosários retiravam-se  
Indo para casa, deixando seus esposos.

Quando cedo, por vezes apareciam  
Uma que outra prima de olhos assustados  
Larissa de olhos esverdeados,  
Marina com eles castanhos;  
Seus rostos eram belos e serenos  
Como a mãe artesã da família dos campos.  
Eram Deusas as primas, ninfas nascidas  
Que serão mães amanhã ou depois.

Nós homens, eu menino, mas já homem  
Queria dar a todos entender que eu era bravo  
Crescido, dependente, até tomava tragos  
Observando as mesas e os campos lá fora.  
O bar, era o único que agora surtia luz,  
Ao longe um cavalo desperto relinchava.

Eu escutava tudo com curiosidade  
Nascido no campo não me tiravam a sorte!

Haviam os sabidos da vila que me ensinavam  
A ser consciente da história de nosso pago:  
O padre era homem já envelhecido  
Que pouco falava, a não ser quando aconselhava.  
Vinha de tordilho, o homem, entre os pampas  
Viajava para atender as capelas das estradas.  
No bar jogava com os olhos imóveis  
Só se via a sombra de seu rosto esmorecido.

O Seu Moraes, bravo senhor açoriano  
Velho de experiência, vaqueiro de sangue  
Corria com os mais novos quando atrapalhavam  
Mas cordial contava bêbado suas histórias.

Por ali também se sentava Carlo  
Um índio conhecido nos redores  
Sempre supersticioso, caboclo enrijecido  
Pela lida no campo aprendida na infância.  
Piá – Dizia, com copo na mão,  
Cuida de ti e dos outros  
Não há bem maior do que isto  
Só pedir a Deus que nos dê força...  
Depois que finda a existência,  
Há o juízo derradeiro,  
Então te cuides, que és jovem  
E há de ver muito nessa lida!

A sombra, a lâmpada em canto  
O relógio correu um bom tanto  
Dez para meia-noite! Dez para Meia-noite!  
Eu que deveria estar dormindo, mas eia!  
É feriado, pessoas festejam dentro e fora,  
E estou contente de estar acordado.

A tontura do vinho pesa um pouco  
O frio que entra de fora pouco me judia  
Sou como o Sepé, ali, deitado em um canto  
Cachorro que treme e as vezes dormita.

Estaremos no bar! Eu e você  
Com os adultos a contar algum caso  
Longe das cidades onde tudo acontece  
Aqui só Deus e fantasmas que nos conhecem.

A meia noite um cachorro uiva lá fora  
O bodegueiro sai para olhar o breu noturno  
Como se estivesse desconfiado de algo  
Como se na vila o mato circundante a tomasse.

Cada canto da imensidão escura da noite  
Esconde algo que pouco sabemos  
A vida é um mistério, mas hei-nos cá  
Homens de fibra sem medo de nada.

Depois, perto do amanhecer  
Os bêbados cambaleantes foram embora  
Carregando uns aos outros no ombro  
E os mais são ficam ali a prostrar.

O índio boceja e o padre dormita  
O bodegueiro recolhe as cartas e olha o relógio  
Seis e dez, o sol começa a dar as caras  
Por entre nuvens negras lá de fora.

Os pássaros acordam, o leiteiro passa em frente  
Com sinos a mostrar ao povo o leite fresco.  
O gramado vívido, verdejante e exuberante  
E o galo anuncia mais um dia que nasce.

Eu, que não sou pouco, visto o chapéu  
Olho para o relógio: Já são seis horas.  
Não precisarei lidar no campo no dia de hoje  
E salto já cochilando na carroça que parte...

Data : 15/10/2020

Título : Desafios em tempos de pandemia

Categoria: Pensamentos

Bem sabemos que em tempos de pandemia a educação teve de adaptar-se a formas diferentes de ensino. Aulas presenciais deixaram de existir quase por completo em 2020, e tanto professores quanto alunos foram obrigados – E assim surgem os desafios – a abandonar a sala de aula e entrar no mundo virtual para que aulas fossem realizadas. Não só professores e alunos, mas sim a família dos alunos, diretoria, funcionários etc. tiveram de fazer o possível para que a educação continuasse acontecendo mesmo em tempos difíceis como vemos na atualidade. Uma mudança brusca e veloz.

O maior desafio está sendo adaptar os professores ao uso da tecnologia para fins educacionais. O professor teve de aperfeiçoar-se como nunca em ferramentas digitais para ministrar suas aulas; e os alunos a atenderem com disciplina e seriedade estas lições um tanto diferenciadas. O uso de aplicativos de chat online como o Skype, por exemplo, aumentaram significativamente de popularidade; O próprio Zoom chegou a ser o segundo aplicativo mais baixado da internet (depois da rede social Tik-tok), segundo o site Usemobile.com.

No entanto, não adianta só baixar o aplicativo e usá-lo. Deve-se saber utilizá-lo, aprimorar-se através de cursos e dicas, pois as ferramentas que tais aplicativos dispõe são inúmeras, desde o quadro branco digital ao Share Screen (Modo onde o professor partilha a sua tela para mostrar algo aos alunos). Outra forma que os professores acharam para ministrar as aulas foi utilizar as ferramentas do Gmail, como o Jamboard (programa elementar para ministração de aulas), e o Classroom.

Creio que mesmo obtendo resultados negativos na educação, as aulas online podem sim ser aprimoradas e supostamente revolucionarão o modo como aprendemos. Além do mais, aquele que deseja aprender encontra meios

adequados e alternativos quando o meio tradicional não funciona mais, e ele nunca para. O que devemos ter, em tempos de crise, é a vontade e a dedicação de não desistir, de achar meios para não ficarmos perdendo tempo com pensamentos que nos levam para baixo e nos fazem perder a esperança. Além do mais, permanecer incessantemente lendo as notícias que abundam tanto no mundo virtual como o real não levará ninguém a caminho algum, nem acelerará o fim da pandemia.

Data : 25/05/2019

Título : E que assim seja!

Categoria: Poesia

E que assim seja!

E que assim seja! Ó mundo  
Ó vida, ó coisas,  
Sejam assim passageiras...

Quando dormimos, os sonhos nos levam lá fora!  
É estranho que estejamos nesse mundo  
E sonhar é como estar fora mesmo que dentro...

E que assim seja!  
E que assim seja...

Lá não há tempo nem espaço  
Perdemos a noção das coisas.  
Será que serei depois de ser?  
Vamos que renasça depois de tudo  
Em outro sonho d'outro mundo.

E que assim seja! Ó mundo  
Ó vida, ó coisas,  
Que sejam assim passageiras...

Data : 03/03/2018

Título : Em um futuro

Categoria: Pensamentos

Descrição: Em um futuro não muito distante, em um certo aplicativo de um certo aparelho...

Em um futuro não muito distante, em um certo aplicativo de um certo aparelho minúsculo, um jovem de vinte anos anuncia:

"Procuro namorada... Gosto de festas, dançar e beber. Amo a praia, e ela deve gostar de viajar. Tenho dinheiro, sou bonito e filho de milionários. O relacionamento durará até dezembro do ano que vem, porque logo após me mudarei de cidade e terei assim uma vida nova com novos planos. Não há necessidade de conhecer o pai, só a mãe, que está acostumada".

Data : 01/01/2020

Título : I Saw you dreaming

Categoria: Poesia

đ□—œ đ□~€đ□—®đ□~, đ□~†đ□—¼đ□~, đ□—±đ□—¿đ□—²đ□—®đ□—°đ□—  
¶đ□—»đ□—' đ□—đ□~† đ□~□đ□—μđ□—² đ□—¹đ□—®đ□—,đ□—²

I saw you dreaming by the lake,  
Sights of a land filled in sunbeams.  
The colorful morning made me stay  
Staring at your blue congenial eyes.  
There I came across pearly and golden prisms  
Landscapes of colors which I've never seen  
You started walking by the muddy banks  
Feet touching the refreshing and silver streams.  
I noticed your eyes half-closed.  
As a sleepwalker angel that fell from heaven.  
In your bosom, in your most respectable privacy  
You dream either nightmares or swevens  
Of passion and joy, despair and fear!  
All the sunbeam and the fairies flying by  
Insinuate that yes, you dream of love, of cherish  
Of devotion, of decency and social duties;  
You dream like angels do, on the grass layin'  
Sometimes whisperin', and every canary step a twig  
Where shall admire your countenance,  
Like a picture never seen — but by birds!

Data : 01/01/2019

Título : Não precisamos

Categoria: Poesia

Não precisamos

Não precisamos de boate e música de fora  
Nem de gentes a falar e falar em nossos ouvidos  
Pois penses, se há coisa mais deprimente  
Que toda essa gente sem rumo nem norte?

Sentas, estendas tuas pernas, e olhes para o mar  
Que foi ele o culpado de havermos separado  
Acho que nossas almas em algum canto do tempo-espaço  
Foram como fumaças que dançaram juntas e depois encarnaram.

Deixamos, no entanto, de papo furado,  
E tudo que quero é que experimentes:  
Estar a sós mesmo estando comigo ao pé de um lago  
Ou escutar de longe a voz de um pássaro.

Não precisamos das cidades nem das festas  
Temos em nossa alma a dança que faltava...  
Leia-me um poema ou joga-me flores  
Que é sereno estar aqui a ver teus olhos.  
Eles são bem mais reais do que eu pensava  
Bem mais necessários do que eu imaginava...

Que é o mundo fora da natureza?  
Nada, e até Deus deve ser um animal que anda por aí  
Uma folha grande em algum lado do padro  
O passado de uma flor que murchou anteontem.

Data : 31/03/2015

Título : Noite II

Categoria: Poesia

Descrição: Um pouco de poesia trágica baseado no sentimentalismo do século XIX, inda que do meu modo:

"Damn me Father, for I must sin..."  
Type-o Negative: Suspended in Dusk

Noite II

E o clarão no céu e da terra  
É da lua pálida e serena  
Fria como tal rosto  
Triste e embaraçado  
Do poeta mal-amado.

Morre por ela, ou  
Por filosofar tanto  
O romântico até sonha  
Que a vida tinha sentido,  
Que os homens eram tranquilos  
Como o mar eternamente sereno.

Este sonho é um fardo fugitivo,  
O poeta, romântico, suspira,  
E o trago na cabeceira da cama,  
Junto a fumaça de um charuto,  
Só lhe acabam com a vida.

Desesperado, com um olho espiando  
O dia, ele desanima.  
Abre os braços no ar, à noite  
Joga-se no mar aberto,  
Que com sua boca escancarada  
Engole o poeta mal amado,  
Que ninguém mais soube notícia.

Revenant

Data : 01/01/2019

Título : O dia em que acordei ao entardecer

Categoria: Poesia

O dia em que acordei ao entardecer  
A escuridão era dona da minha alma  
Que alegria senti ao me dar conta  
Que era escuro e tudo era sombra.  
Meu amor que quando sonho invoco  
Hoje está longe como sempre estive...  
Tenho na noite o palco inabalável  
E na iluminada lua o consolo que afaga.  
Rumo à rua, saio de casa  
Pego a via erma da cidade  
Com morcegos e corujas a dançar  
E luzes bruxuleantes a pulular.  
A rua está como outro ser  
Silencioso e vivo a dormir sereno  
Passam seres que não posso distinguir  
Sonhos rasos que vão logo se extinguir.  
Que melancolia guio como sonho  
Meu corpo etéreo por entre luzes

- Morreu a tempo o meu coração cinzento!  
E meu amor ressurgiu na fria noite.

Data : 15/09/2014

Título : O Lamaçal

Categoria: Contos

Descrição: Parti cedo de casa. Oito horas da manhã, horário fatal. Enxerguei o lamaçal cujos ratos salientes gangrenavam.

### O Lamaçal

Parti cedo de casa. Oito horas da manhã, horário fatal. Enxerguei o lamaçal cujos ratos salientes gangrenavam. Baratas, vermes, corjas de infinitas imundícies rastejavam e pululavam daquela horrível sopa. Deu-me ânsia ao deparar-me com tal realidade. E antes, antes do lamaçal a chuva parecia tão admiravelmente inspiradora! Cobria nossas vidas com graça. Enchia nossos corações. Não esperava o fim da chuva. O lamaçal, filho da chuva com as coisas em que há na terra, com seu semblante frio a me encarar, queria ver-me junto as filhas dela. Este barro fez-me lembrar de outra lama que sujou a minha vida. Me tornara como esta coisa fenomenal que apareceu depois da chuva. Lamaçal pestilento, terrível, como um erro ali em meio ao caminho. Olho para baixo; roupas limpinhas, perfume, carteira, a recém tinha tomado banho. Seguindo o meu destino. Seguindo para o trabalho. Paro, bato a mão violentamente sobre peito e penso no futuro que ainda poderia trabalhar. Vem em mente o dinheiro, o esforço, a mulher grávida e o filho corado que nasceria dali a uma semana. Hoje é dia de céu claro, o sol reluzindo, doía-me o peito. Aquela natureza meia-morta embrulhou-me o estômago, senti o mal estar. Estava sem ar. O último impulso foi olhar o relógio, como para gravar o horário: 8:15. Cai de bruços no lamaçal junto a morte que ali espreitava, sorridente e sem graça.  
R.

Data : 11/11/2020

Título : O Lobisomem de Ibirapuitã

Categoria: Contos

### O Lobisomem de Ibirapuitã

Os habitantes do município de Ibirapuitã, no norte do estado do Rio Grande do Sul, despertaram com uma notícia horrível na manhã do primeiro dia de novembro de 2020. Jandir Micheletto, pequeno agricultor, fora encontrado sem

vida sobre uma árvore tombada no matagal perto de sua propriedade de menos de trinta hectares.

Na cena, os dois jovens, filhos da vítima, acharam o pai tombado de bruços por cima do tronco.

“Dava para ver o sangue seco que ensopava a roupa de meu pai, assim como manchando o gramado e as grápias ao redor do tronco. Quando viramos o corpo, vimos seu rosto todo carcomido. Os vermes e insetos já entravam pela cavidade do seu crânio. Uma enorme ferida fez com que o braço direito estivesse por um fio de soltar-se do ombro. Pudemos ver parte de sua clavícula. As pernas também estavam moles: Pareciam quebradas em várias partes.”

Os jovens, que trabalhavam dia e noite no sítio do pai, levaram o corpo a cavalo de volta ao casebre onde moravam, para o descontentamento do sargento Gilberto Quevedo que queria analisar o local do crime. Já era a segunda morte violenta e misteriosa daqueles últimos dias. No dia dezesseis de outubro, numa sexta-feira de calor, Jânio Fernandes Matín fora encontrado aos pedaços pela estrada que liga Ibirapuitã com Nicolau Vergueiro.

Muito serviço teve o sargento em investigar aquele caso. Os dois falecidos não eram muito conhecidos na região. Eram simples homens de sítio, ignorantes e viciosos, apesar de trabalhadores. Ambos os homens eram alcoólatras. Maria Micheletto, mulher da última vítima, depois das lágrimas teve ainda um acesso de raiva enquanto conversava com o sargento:

“O senhor sabe, esse bêbado andava por aí nos bares e prostíbulos, depois da doença (o homem tinha diabetes e ataques de cirrose), ele andava cada vez mais inconsequente! E eu aqui rezando para que a colheita dê boa para que possamos pagar as contas que nunca acabam! Ainda mais com essa pandemia besta.”

O povo já começara a encher o ouvido do sargento de especulações fantasiosas: Falavam de Lobo-homem; os mais jovens que moravam no centro, com acesso à internet, chamavam-no de licantropo; e os velhos, mais especificamente, de Lobisomem. O “Lobisomem do arvoredado” brincava um senhor sentado em um bar, citando a música do cantor tradicionalista Mano Lima. Para quem não conhecia a família das vítimas de tão cruel ataque, indiferentes ao luto alheio, coloriam o caso com tons sobrenaturais, até cômicos. Quando os jovens saíam, dizia-se: “Cuidado com o lobisomem de Ibirapuitã”. Até mesmo em Carazinho, Tio Hugo e Passo Fundo ficaram sabendo do lobo da cidadezinha, e não foram poucos os curiosos nem tampouco os que debochavam da notícia.

Porém, o caso ganhou mais seriedade quando diversos fenômenos começaram a ser presenciados. Primeiro, uma comunidade Kaingang vinha ter com os policiais da região relatando um “enorme homem cachorro que anda assustando as pessoas da aldeia: Ele uiva no fim da tarde e sai à caça durante a noite. Vários animais foram devorados pela criatura, e por pouco que um adolescente não fora carregado mata adentro por aquela coisa.”

Em seguida, os agricultores e peões da região vieram até o sargento com vídeos e fotos. Um deles mostrava um matagal durante a noite. Cachorros do fazendeiro indo atrás de algo. Breu profundo. Os berros infernais ressoavam pela mata. Parecia que os cães haviam achado a tal criatura. Diz-se que quatro deles foram mortos do homem que gravara o vídeo, e que pôde somente afugentar a criatura. “Seu sangue é pastoso e forte, pelo que vimos ao seguirmos suas pegadas no dia seguinte”.

No dia cinco de novembro, quinta-feira, um caçador de Passo Fundo mostrou ao sargento um vídeo feito no entardecer daquele dia. Nele podemos ver os campos e a alta vegetação típica do local. Dentro do mato, um uivo agonizante e pavoroso de besta. “Se isso não é uma criatura sobrenatural, tal como um Lobisomem, se o senhor me permite dizer, então não sei o que é. Jamais vi jaguatirica ou onça parda gritar assim.”

O sargento, assim como a polícia local, querendo desacreditar em tudo aquilo, foram bombardeados por depoimentos que não sabiam julgar adequadamente. Em quais delas acreditar? O povo era supersticioso, mas ele nunca se deparara com tantos relatos do tipo em sua vida profissional. O que fazer? Animais mortos, dois homens mutilados. Está na hora de chamar ajuda de fora e fazer uma busca ampla na região.

Ao entardecer do dia seguinte, seis daquele mês, em uma sexta, Gilberto Quevedo comandava um grupo de caçadores da tal “besta”. A comitiva contava com seis policiais de Carazinho e Passo Fundo, quatro de Ibirapuitã e seis caçadores da região. As famílias de agricultores ficariam em alerta naquela noite caso vissem a criatura. Combinaram entre si de montar armadilhas dentro e fora de seus terrenos. Aprontaram tudo durante o dia. Quando anoiteceu, homens patrulhavam suas moradas de espingardas na mão, enquanto em casa as mulheres rezavam e aprontavam suas simpatias: Algumas traçavam cruces de sal sobre as mesas de casa; outras penduravam crucifixos e dentes de alho nas portas de casa e dos estábulos. Outra dona de casa, muito beata, fez com que o pároco passasse o dia todo consagrando vidrinhos de água para espalhar pelas casas. Uma cigana aprontava seus amuletos e pendurava na janela símbolos orientais. Foram avisadas inclusive as comunidades indígenas para que ficassem prontas caso a besta fosse em suas direções. No município fora dada a notícia da tal caçada, e muitos se trancaram em casa naquela noite. Valério, que tinha uma venda na rua Teodoro Manoel dos Santos, chamou um padre para tentar aliviar os nervos da sua mulher, e aprontara-se da janela com um binóculo e uma espingarda calibre 28, fumando sem pausa o seu cachimbo de madeira rústica. A molecada que passava na rua daquele domingo friozinho viu a anormalidade da movimentação policial da cidade. Havia mais de seis veículos patrulhando a cidade, assim como os postos antes escuros nos domingos hoje à noite tinham movimentação e luzes.

Pouco resultado obtiveram até as onze e meia da noite. Nenhum uivo escutaram. Era uma noite fresquinha e silenciosa, a lua cheia emitia luz considerável para que os homens enxergassem no escuro. Até que certa hora Gilberto Quevedo recebeu uma ligação de um dos agricultores que fazia ronda nas suas terras. Na ligação, o sargento escutou diversos cães latindo e um uivo horripilante e agudo no fundo. Tal uivo ressoava de longe, mas ironicamente parecia tão perto. Por entre aquela confusão ele pôde escutar a voz desassossegada do homem que se chamava Airton.

“Sargento... Sargento! Estamos em apuros. A cachorrada anda bem louca e acho que pegamos a besta em uma das armadilhas. Ela está gritando, escuta? Alô!” Os policiais e alguns caçadores entraram em suas pick-ups e foram em direção as terras de Airton. Levavam consigo armamento pesado, militar e licenciados para caça, e junto deles grupos de cães de caça separados por veículos. Ao chegarem próximo já escutavam a algazarra pela estrada. Não era situação para os mais fracos, pensou o Gilberto Quevedo vendo o semblante preocupante dos seus companheiros.

Airton estava de espingarda na mão e correu em direção aos policiais quando chegaram:

“Graças a Deus vocês por aqui! Vamos acabar com essa criatura!”

Correram até um banhado perto do rio Ibirapuitã. Lá se depararam com uma cena singular:

A armadilha que o agricultor Airton montou fora-lhe passada pelos índios: O típico chão falso com toras de bambus cujas pontas foram afiadas a facão. A mais ou menos vinte metros eles puderam enxergar através da luz da lua uma sombra avolumada, cuja cabeça, mais de um cão do que de gente, alargava-se até a nuca. Seu peito era gigante! Bem maior do que a de um humano. A figura estava lá toda preta, o peito arfava. De altura, pelo que o sargento calculava improvisadamente, media uns dois metros e meio.

Dali a pouco, quebrando o silêncio, a coisa deu um berro terrível, terminando com um uivo de cão feroz. Os policiais e caçadores cochichavam gesticulavam entre si, com medo de que a criatura escapasse ou os atacasse. “Acho que ele está preso pela perna...”

“Sim” – Disse Airton, o agricultor dono daquelas terras. “Eu coloquei espetos de bambu naquela armadilha, e por cima algumas galinhas. Ele caiu nela, mas não totalmente. Ao invés de se espetar todo, o bambu físgou sua perna”.

O sargento então fez sinal com a mão para que todos repetissem o seu gesto: Apontou a arma. A senhora junto às crianças que ficaram em casa, a mais ou menos sessenta metros de distância de onde eles estavam, escutou os tiros que estalavam como trovoadas. Durou uns seis segundos, apenas, e ajoelhou-se no altazinho que fizera para pedir à Nossa Senhora que abençoasse o marido Airton e os caçadores. As crianças choravam nervosas no quarto.

Dali a uma hora, Airton chegou em casa escorando a espingarda no chão. Alguns homens ficaram ali fora descansando e tomando chimarrão: Estavam todos muito falantes e nervosos. Havia acertado a criatura, dizia Airton, mas ela fugiu. “Não sei quantos tiros acertamos no monstro, e mesmo assim ela saiu engatinhando. Soltou a perna da armadilha correu, com um pedaço de bambu enfiado no tornozelo. O sargento da brigada mandou eu e mais um grupo voltar para a casa e cuidar de vocês. Depois de muita insistência voltamos. Vai saber lá o que se passa. Feche as portas, ficaremos por aqui hoje sem dormir, de arma em mãos e as luzes acesas.”

Portanto, o sargento nem ninguém conseguiu achar a criatura. Mesmo seguindo a trilha de sangue que saíra dela, eles acabaram entrando em um matagal que era caminho até a Cascata da Pedra Grande, e dali não acharam mais vestígios da caça. Abandonando a empreitada perto do amanhecer, o sargento voltou para a cidade triste, pois estava imensamente curioso, agora que vira com seus próprios olhos as proporções daquela criatura. Acabou levando o que acontecera em segredo, para não criar paranoia na cidade. Os policiais de Carazinho e Passo Fundo voltaram para suas casas, assim como os caçadores.

Dias se passaram e não houve mais depoimentos estranhos na região. Digamos que o caso esfriou, tornando-se lenda mais do que fato verídico. Pouco se sabe sobre o tal lobisomem de Ibirapuitã, a não ser por aqueles que viram com seus próprios olhos... e as vítimas, claro, que não podem mais contar suas histórias. Há, no entanto, uma senhora que mora perto da comunidade indígena que deu um palpite interessante para os investigadores do ocorrido, ainda que poucos deram crédito a tal relato. Disse ela:

“Lembrem-se que, no dia sete, ou seja, um dia depois de o terem acertado, um homem veio a falecer perto do meio-dia por estar muito fraco e com feridas que sangravam. O pessoal antigo lembra bem deste homem. Ele mora lá perto de Tio Hugo, e na noite da véspera de sua morte ele havia sumido de casa. Os familiares relataram que tal cidadão, de nome Mário Andradas, andava saindo de casa tarde da noite, e voltava só na manhã seguinte quase sem roupa e todo lanhado. Mário estava depressivo ultimamente, relatava o irmão e à sobrinha, muito agressivo também. Até sua própria mãe ameaçou-a de morte. Batia nela. Tal elemento é o que podíamos chamar – Se Deus me perdoe – De homem de mau-caráter, um pecador inveterado. Havia estudado para ser padre em um seminário de Porto Alegre, mas devido ao mau comportamento, fora expulso. Diziam até que ele e mais dois amigos haviam estuprado e matado uma virgem certa feita, lá em Porto Alegre. Quando viu-se sem dinheiro nem contatos, aceitou um serviço em Erechim e depois fora transferido para Ibirapuitã, começando aqui uma vida de bebedeiras e lascividades em geral. Era muito brabo e agressivo, ainda mais quando bêbado. Dizem que na manhã de sua morte ele estava exausto, como se tivesse corrido a noite toda. Seu corpo todo manchado de feridas profundas e superficiais. As donas da casa, desconfiando sempre dos médicos, tentaram tratá-lo da melhor forma que sabiam. Usavam babosa para as feridas e tentaram banhá-lo, o que só resultou na fúria do homem. Dizem que não falava coisa com coisa, e que preferia morrer do que ir para um hospital. O irmão dele lembra que, depois que ele deu o último suspiro, enquanto estavam investigando o corpo do falecido (agora que podiam), acharam características estranhas nele: Alguns membros estavam maiores do que os outros. Sua perna direita parecia deslocada, engrandecida, enquanto a esquerda mantinha-se do tamanho normal. Sua cabeça também, com um carço enorme que desnivelava a sincronia do crânio. Seus olhos estavam mais amarelados, não como acontece às pessoas com o fígado comprometido, que normalmente tomam nos olhos um aspecto amarelado pastoso. Os dele não, era um brilho jovial que não se assentava bem a sua idade. Ao abrirem a boca com muito custo, conseguiram notar pelos como felpas embaixo de sua língua, o que era mais estranho ainda.”

Por fim, a senhora que dava seu depoimento disse: “Tenho certeza de que aquele homem horrível se tornara um horripilante demônio. Por aqui se falava de lobisomens, as crianças dão risadas disso, mas nunca podemos achar graça de algo tão sério: De quando o homem toma decisões ruins e o demônio toma as rédeas de suas vidas, transformando-os em criaturas símiles as do inferno. Com o tempo, tudo voltou ao normal na região. A história do lobisomem primeiro fora ocultada por medo do povo em mencioná-la para depois cair no esquecimento, tornando-se mais uma mera lenda que os antigos contam para assustar os mais jovens.

Mal sabem das verdades que estas lendas escondem.

Data : 01/01/2019

Título : O mundo sem você...

Categoria: Poesia

O mundo sem você seria como  
Num parque de diversão onde tudo é exagero.  
Onde oferecem alegria sem alegria alguma  
Palhaços e brinquedos há muito sem graça.

O mundo sem você, e tal como ele é  
É um mundo de deveres e homens  
De acordar cedo mais cedo do que o sol  
Mais cedo até do que as longínquas estrelas.

Queria trocar tudo pela tua presença  
Mas não é assim que o mundo se apresenta  
Queria eu... mas o que importa?  
Ao mundo, às estrelas, ao sol, aos palhaços  
Aos brinquedos e a você...  
O que vos importa aquilo que eu quis?

— Tardamente estaremos em uma enorme tumba  
Deitados mudos misturando-se  
Mas antes, pouco antes disso que virá pensaremos:  
E se tudo fosse de outra maneira?

Data : 12/10/2017

Título : Os Estudantes

Categoria: Contos

Os Estudantes

Havia um beco na rua Princesa Isabel, na cidade de Doirada, olhando a direita de quem sai do bar. Era estreito, quase invisível aos olhos de quem passa. É lá que estão juntos aos gatos e baratas um bêbado ansioso que discursa sem pausa para uma jovem encapuzada. Rompe o silêncio o bêbado:

— Veja esta noite, guria, tão escura! Tais noites são belas, mas também são perigosas. Lembro-me desta taverna d'onde podemos enxergar a luz, escutar vozes de embriagados que tremulam noite a fora. É um boteco e tanto, menina, e já estive por lá logo em seus primeiros anos. Tábuas novas, hoje preservadas. Balcão fino, adega, garrafas em cima de prateleiras e lampiões acesos. Preveja isto: É um estabelecimento oculto, fora do comum, cheio de acontecimentos e um barman devoto em matéria de curiosidade. Eu costumava beber um saboroso vinho espanhol chamado Amontillado. Todos bebiam, era a moda da casa. Tal vinho arranca palavras de qualquer um que senta-se ali para beber. Contam-se histórias dignas de investigação, entende? São duvidosas, há relatos de toda espécie. Às vezes distorcidas, modificadas conforme o medo de revelar certas ocasiões. O caso é que em meu tempo os bêbados costumeiros se misturavam aos viajantes de passagem. Daí nasciam intrigas bárbaras, que eram por vezes remendadas pelo dono daquele bar. Eis uma que quero te contar, que lembro fielmente de todos os fatos, e que me comovem pela ousadia e nostalgia ao lembrar-me daquela noite.

Venta suavemente na madrugada de superlua. Para quem não sabe, a lua alcança o ponto mais próximo de sua órbita com a terra, ficando, nesta noite, 14% maior e 30% mais brilhante. Via-se ela como a virgem guardiã da noite, inalcançável e exibida. A copa das árvores balança-se enquanto o vento varre as calçadas. Pouca luz sorve do beco. A menina, mesmo que desconfiasse do homem de meia idade ao seu lado, não o temia. Não havia dito o seu nome, mas mostrara-se amigável e preguiçoso; ela, no entanto, parecia nem ouvir as palavras daquele solitário. Tinha os olhos fixos nas latas de lixo escordadas entre dois pequenos edifícios. O astro reflete ali. Parecia a Jennifer Finch. Integrante da banda americana L7 dos anos 90'. Seus cabelos desorganizados e vermelhos estavam atados sob o capuz preto. Divaga? Não se sabe. O certo é que não tinha medo e andava embriagada. O homem, envelhecido antes da idade, com um chapéu fora de moda enterrado na cabeça, discursa com exatidão entre as ideias e os soluços da bebedeira.

— Uma vez, neste mesmo bar, um jovem chamado Inocência estava tomando seu copo de vinho junto aos quatro amigos de faculdade. Ficavam assim, demasiadamente jovens e Bon Vivants quase formandos. Irritavam-se com tudo! Como é praxe nos jovens de qualquer época. Os professores eram os primeiros da lista. Enjoavam deles. Estavam fartos de suas teorias que sempre se repetiam. O seu amigo mais íntimo da mesa, o jovem Théo, apresentava o calouro do Direito que se chamava Antônio. Tal jovem de chapéu curto e muito loiro havia cursado alguns semestres de psicologia no Canadá, mas acabara perdendo a bolsa por indisciplina. Poderiam chamá-los de vagabundos intelectuais. Mas cada qual com suas ideologias.

A menina entedia-se, estivera o dia inteiro assim. Senta no chão e encosta a cabeça no muro. O homem não havia percebido este movimento. A história ganha ritmo:

— Caso é que viram uma linda moça dos distritos rurais. Estava ao seu lado um velho, de certo algum dono de pequenas terras e plantador de soja. Os estudantes, como sabemos, são aventureiros e românticos. Ela conseguiu arrancar os olhos de Inocêncio e do calouro Antônio. Tinha cabelos meio sujos, mas louros de uma coloração solar, natural tal como as acácias. Minha amiga... era uma beleza de guria cujo coração desflorava frente a jovens que procuram o desflorar de alguma princesa. Já eram românticos, gostavam da Europa, os estudantes daquela vez eram assim. Logo Inocêncio aprontou-se em escrever versos em uma folha sem nada falar. Seu amigo Antônio encarava ela em uma contemplação ousada, observando os traços físicos e seguindo cada movimento daquela linda Camponesa. Como os jovens são imediatos, impulsivos, o velho logo intercalou cochichando no ouvido da filha algo que os fez arrepiar. Não sabiam o que era, porém, o senhor olhava-os de través. Como quem diria: “Vimos aqui para jantar e logo partiremos. Esses jovens idiotas!”

Nesta última réplica ecoa a voz do bêbado entre as esquinas, de tão entusiasmado que estava. A menina coloca o dedo nos lábios, agita a mão direita transcrevendo em gestos um “Cala Boca!”. Ele baixa a voz e continua:

— Passado tempo, o velho se retirou da mesa. A menina, de cabeça baixa e dobrando o guardanapo maquinalmente, só de vez em quando arriscava-se a espiar a mesa em que os estudantes estavam. Théo, antigo amigo de Inocêncio, quebrou o silêncio cochichando: “Hei, homens, muito cuidado! Não sejam inconsequentes! ”. Queria advertir de que aquela poderia ser uma cilada. “Que besteira! ” Falou Inocêncio. “Não me venha com essa, Théo! E veja como um cavalheiro se comporta. ” Ao lado, Antônio improvisava um buque contendo uma espécie de lírio branco, cujo aroma era forte e agradável. Nem dava ouvidos as advertências do camarada.

Precipitou o jovem Inocêncio, para o horror do amigo Théo, levantando da cadeira, sempre olhando aqueles olhos bucólicos da Camponesa. Foi até a sua mesa. Atrás dele, os demais jovens ficaram boquiabertos, apenas Antônio olhava com desprezo para a tentativa — Arrumando ainda o seu buquê — confiante de que em sua vez ela lhe abriria o coração.

— Boa noite, senhorita.

— Boa... noite — Ela retrucou.

— Desculpe-me precipitar-me assim, mas caso é que... fiquei curioso em ouvir a sua voz.

Ela riu de uma maneira que o deixou sem jeito. Parecia que conversava com uma ninfa grega.

— A minha voz? Será assim tão bela? Que é que tem, senhor, estás rubro!

E como ela não parava de dar risadinhas, Inocêncio ficou ainda mais envergonhado.

— Você ri como as sereias de Homero. Amansaria a mais cruel e terrível besta!

— Óra, criatura. Assim irá envergonhar-me perante os seus amigos. Aquele buquê, eu vejo, está endereçada a mim. O que eu faço agora, será? Aceito seus presentes, de estranhos?

A menina pareceu mais esperta do que ele pensava. Havia surpreendido, notou de certo que ele roçava sua mão trêmula no bolso da calça, hesitando em entregar-lhe o papel. Antes que suas balbucias pudessem organizar-se em palavras, ela disse imperiosamente:

— Vá até lá, diga aos demais companheiros que os deixem, diga ao seu camarada do buquê que o acompanhe, porque vocês irão juntos me seguir até a minha casa. Lá irei decidir entre os dois qual presente aceitarei, e quem de vocês será o meu amante.

— E seu pai? — Disse, mesmo que soubesse que tal pergunta poderia estragar tudo. Ela soltou outra risada despreocupada, neste momento Inocêncio estava todo trêmulo, o jovem coração batia tão forte que poderia ser escutado se não fosse a agitação do bar.

— Ele não poderá nos ver. Não se preocupe. Confie em mim, querido.

Inocêncio deixou os versos na mesa. Retorna aos seus amigos. Ela abriu o papel e leu cada linha como se bebesse suas palavras. Lembro-me apenas de uma estrofe do poema, que dizia o seguinte:

Compreenda, Ó linda Camponesa:

Não há abismo que omita-me chegar,  
D'onde espera-se um feliz paraíso  
Prestaria escutar o vosso cantar:  
Para logo amar vossos versos íntimos.

In.

— Note, é uma ironia. Logo verás o que sucedeu. Théo, que se tornara inquieto, estava pálido. Todo medo que poderiam ter sentido sobrara para o companheiro. Enquanto Inocêncio dizia ao restante dos amigos que ele e Antônio iriam disputar a moça, Théo tentou por diversas vezes dissuadi-los. Contou lendas bobas sobre homens tentados que morrem por descuido, assim como notícias bizarras e atuais que circulavam nos jornais. A Camponesa guardou o papel em sua bolsa, levantou e foi vagarosamente caminhando porta a fora. Seguiu pela rua traseira ao bar. Foram, como combinado, os dois moços atrás dela, tais como sonâmbulos. Théo ficara indignado gesticulando dentro do bar. De certo muito preocupado. Ela usava um vestido lilás, sem mangas, o que dava para apreciar os seus delicados braços. Os pretendentes estavam seduzidos e felizes. O medo deu lugar ao êxtase. Contornavam como dois predadores as vielas da cidade. Já noite fechada, nove e meia, haviam poucos jovens perambulando naquele lado. Passaram por entre a praça, desviaram uma árvore tombada. As vezes pensavam terem-se perdido da moça. Mas lá estava, caminhando como a princesa que volta ao seu castelo.

Chegando em uma rua escura, viram que ela entrou em uma casa estranha. Parecia abandonada. Mas não estava. Flagraram luzes bruxuleando lá dentro, e havia um curioso e vívido jardim ao lado. Era, claro, o que chamamos de casa americana de dois pisos. Antônio levava consigo o buquê, sempre em riste ao

peito, apaixonado. Ventava forte agora, parecia que logo se formaria um temporal. Entraram ambos sem hesitação. Não suportavam mais esperar.

O primeiro cômodo da casa era uma grande sala com um lustre inglês que iluminava debilmente. Duas velas adicionais cintilavam em candelabros. Encontram-se em uma residência feliz, amena e familiar, mesmo que fosse escura. Pensaram até que a menina não fosse uma camponesa, e que morasse naquele casarão sem vizinhos num bairro discreto, junto ao seu pai, que a essa hora devia andar pela rua. A moça estava sentada em um antigo, mas bem preservado sofá, tirava os seus sapatos vagarosamente, colocando uns chinelos enfeitados com réplicas de violetas. Seus pés eram lindos, pequenos e brancos. Os jovens sentaram em um outro sofá frente a ela, contemplando seus movimentos respeitosamente. Por um momento ficaram em silêncio, um esperando o outro para falar. Até que ela disse:

— Cavalheiros, bem-vindos à nossa casa de veraneio. Permitem dizer os seus nomes, é muito solitário e frio ficar sozinha em uma casa tão grande! Não acham?

Antônio tomou a iniciativa.

— Sim, senhorita. Não há porque ficar em casa sozinha. Meu nome é Antônio, senhorita. E é um imenso prazer conhecê-la. Este ao lado é Inocêncio.

— Ah sim, muito prazer. Seu amigo disse estar curioso em ouvir a minha voz. Gostei disso. São poucos os que apreciam, e daqui não conseguem escutar as minhas canções frente ao espelho.

Os homens trocaram felizes olhares.

— Então você é cantora, daquelas beldades solitárias que costumam cantar no banho? — Disse Inocêncio, enfeitado com a voz da menina.

— Sim, canto ao silêncio. As coisas me ouvem, vez por outra um morcego, as andorinhas, o Senhor Laércio que vem sempre limpar a chaminé no inverno... São todos parte da minha plateia.

Inocêncio acenou imperiosamente ao amigo, assustando aos dois que conversava.

— Não disse, Antônio! A voz dela é a voz de um anjo!

Os três riram, a conversa parecia fluir. A emoção ardia no peito dos jovens, ah! Tão puros idealistas. A menina, para arder ainda mais esta chama inimiga do tédio e irmã da paixão, começou a cantar entusiasmada. Fechava os olhos e curvava a cabeça ao entoar tons mais altos.

Bate outra vez

Com esperanças o meu coração

Pois já vai terminando o verão, enfim

Volto ao jardim

Com a certeza que devo chorar

Pois bem sei que não queres voltar para mim

Queixo-me às rosas, mas que bobagem

As rosas não falam

Simplesmente as rosas exalam

O perfume que roubam de ti, ai...

Devias vir

Para ver os meus olhos tristonhos  
E, quem sabe, sonhar os meus sonhos  
por fim.

Que linda performance! Quem a visse daquele modo, melodia por melodia, perderia o fôlego conforme assistisse a tal espetáculo. Os jovens bateram palmas. Risonha, a menina falou:

— Muito obrigado meus amores! Meu nome é Ligéia, nunca esqueçam de tal nome. Eu adoro o Cartola, ele realizou composições belíssimas. Agora, se me permitem discursar um pouco sobre seus presentes, de tão bom gosto que são...

— Ah sim! Desculpe-me, que tolo que sou! — Disse Antônio. — Fiquei tão bobo que esqueci do seu presente! — Assim entregou a moça o buquê de lírios que havia arranjado.

— Que lindo buquê, gurizinho! Fiquei extremamente contente, adoro Lírios brancos, as mais linda que têm!

Examinou por um momento, seu sorriso era tão delicado quanto os lírios que saboreava no cesto. Disse ter amado o perfume.

— Agora, com vossa licença, quero lhes dizer qual foi o presente que mais me encantou.

— À vontade, senhorita Ligéia. — Disse Inocêncio.

— À vontade. — Repetiu o amigo.

Ela suspirou mansamente, parecia que ia se acostumando com a escolha.

— Inocêncio, seu poema é lindo, mais do que eu imaginava. Realmente superior a qualquer verso dedicado à minha pessoa. Eles me encheram de alegria! Ah! Mas Antônio teve em seu buquê algo de tão bonitinho, tão amável para um jovem de sua idade que me vejo apaixonada logo quando notei o seu presente. Olhem só, que inocência divina, que martírio secreto! Em seus versos, Inocêncio revelou-me que achavam-me ser camponesa, que não viveria de jeito algum na cidade. E o que faz Antônio depois disto? Faz um buquê de flores! Eis uma camponesa habituada às flores, no campo, junto à palpitação da natureza, imersa em diversos conhecimentos pastorais, ganhando lindos lírios de um jovem admirador. És muito criativo... Escolho Antônio pela pureza!

O menino ria de felicidade. Sorria como uma criança. A moça se levantou e estendeu a mão para ele, olhando-o carinhosamente. Inocêncio baixou a fronte. Estava confiante de que ele seria o vencedor daquela disputa de gostos, e ficou um pouco sombrio, mas disse respeitosamente um “muito obrigado...” aos elogios que recebera.

Ela tinha olhos um pouco puxados, olhava diretamente no olho quando falava. Subiu com Antônio às escadarias, onde supostamente se acharia o quarto. Antes de irem, Ligéia disse a Inocêncio:

— Senhor, se queres nos esperar naquela porta, podes fumar e ficar à vontade no quarto de jogos.

Inocêncio foi até lá. Era talvez a maior sala do primeiro andar. Tinha a mesa de bilhar coberta por um couro verde, mesa redonda para as cartas, baralhos em cima de prateleiras. Muitas sombras ao redor, a vela cintilava, um tranquilo silêncio. Pegou a vela e o suporte e sentou-se nas primeiras cadeiras que enxergou. Notou que ainda lhe sobrara um cigarro na carteira. Acendeu. Havia uma porta gradeada que levava à uma misteriosa sacada térrea, de frente ao jardim. Passeou um pouco por ali, pensando já para onde havia se metido. As

frases repreensivas de Théo voltavam-lhe a mente. Mas não deixou-se ficar amedrontado.

Dali a um tempo, uma meia hora, ouviu estalos nas antigas tábuas da casa. Estava certo que a menina retornava. Os passos rastejantes de suas chinelas pararam um instante, parecia que hesitava. Ganharam rítimo até o caminho da porta. Abriu. Era mesmo ela.

— Desculpe-me, senhor.

— Sim.

Inocência percebeu um clima denso na presença de Ligéia. Tal clima misturado às sombras daquela sala de jogos produziam uma sensação de vertigem, como se houvesse, em um canto, alguma caverna que guardasse a besta. Ela tinha um sinistro semblante, seu corpo ornado com aquele vestido amaçado, por onde se escondia uma terrível magreza típica dos doentes, rígida e sem forças, exasperava.

— Seu amigo, o pobre Antônio, dorme profundamente. Foi então que pensei: Vou convidar o Inocência para tomar um vinho e trocar algumas ideias. Você aceita?

— Eu não sei... Antônio dormiu? É um jovem tão vivaz...

— Pois então, ele dormiu. Que é que tem, moço! Vais me deixar aqui, entediada?

— Tens razão. Tomarei um pouco do vinho e irei embora.

Inocência já nem pensava mais no amigo. Um calafrio sinistro percorreu sua espinha, gelado como o sussurro formidável e irresistível daquele que avisa que a hora se aproxima. Seguiu Ligéia até um alçapão que ficava logo ao lado do sofá em que antes estava. Não tinha-o notado quando entraram, pois a menina era tudo que preenchia suas visões.

Agora, silêncio e escuridão. Até a vela pareceu perder a força. Ela indicou a tranca do alçapão. — Há uma adega ali embaixo, poucos sabem disto.

Quando Inocência conseguiu destravar a tranca e abrir a porta, sentiu uma pancada forte na nuca, tão forte que nem escutou barulho algum. Caído no chão, idiota, sem conseguir distinguir as coisas claramente, conseguiu ainda colocar a mão no bolso, por onde tirou uma adaga. Neste momento, quando ia olhar para cima, viu um pé que esmagava a sua mão. Olhou, era o senhor pai da menina. Este senhor empurrou-o até cair no alçapão. O último barulho que escutou antes do desmaio foi a tranca se fechando.

A menina dos cabelos vermelhos sentiu uma pressão assustadora na história do bêbado. Desde que ele começava a transfigurar a Camponesa, seus olhos tomavam um brilho que pareciam enxergar aquela moça magra e horrivelmente assustadora frente ao beco. É certo que inventava a história, e muito bem! Como ele saberia de tudo aquilo?

— O jovem Inocência acordou... sentia uma dor latejante na cabeça. Colocou a mão sobre a nuca e notou o enorme hematoma, mas que não sangrava. Estava ainda na adega, uma claraboia em forma de óculo trazia um pouco da luminosidade de fora. Inesperadamente começou o temporal, não adiantava gritar para ninguém. O coitado cambaleava de tontura. “O que seria isso? Que descalabro! Há quanto tempo hei de ficar aqui, meu Deus?”. Olhou para as prateleiras, as garrafas escuras de vinhos multiplicavam-se conforme um raio as desvendava. Tentou escutar algo vindo de cima. Tudo que conseguiu fora

estalidos de alguma coisa metálica, como se estivessem mexendo com talheres. O que fazer? A desgraça eminente era tudo que pensava, trazia para ele um nervosismo ansioso e tristonho. Por outro lado, continuou em seu instinto de sobrevivência, se fosse necessário arrastar-se como um rato para sair dali ele o faria. Enquanto sua tontura passava, esperava o clarão dos raios para ver alguma coisa. Não havia nada que pudesse iluminar direito o porão. Tateou pelas estantes até reconhecer os ângulos em seu redor, só concreto e garrafas. Duas estantes munidas de vinhos em cada lado. Esperou o tempo passar, gritou por algumas vezes e ninguém lhe respondia. Passou-se assim um dia inteiro. Não parava de chover. O jovem Inocência começou a sentir a fraqueza da fome e o desespero da alma. Tudo era incerto. Por vezes pensava que aquilo seria uma brincadeira, gargalhava, outras vezes chorava. Passou-se mais um dia. Sentia-se definhar como um rato preso naquela pequena masmorra. Neste dia abriu uma garrafa de vinho, queria saciar a sua sede. Duas, três garrafas. Embriagou-se, tal porre foi doce e amigável. Começou a balbuciar frases loucamente, batia em sua cabeça com ironia da dor que ali sentia. Quando estava perdidamente bêbado, abriram a porta do alçapão. Encontraram-no deitado sobre uma cadeira, meio corpo no acento e o outro no chão.

— Ei! Querido! Venha ver. O Senhor Inocência bebeu os vinhos!

Era a moça lá em cima. Inocência ouviu eles conversando.

— Você acha que ele está preparado para a janta?

— Sim, deve estar com fome e com muita vontade de conversar. Vamos ajudá-lo a subir.

Enquanto o velho homem ajudava Inocência a subir a escada, a moça dava as mesmas risadas que havia dado no bar. Foi muito estranho porque o velho não parava de dizer:

— Não se preocupe, moço, a janta está quase pronta. Faltava você para a ceia. Quando subiram, o jovem cedeu seu braço para o velho. Não conseguia caminhar direito, pela fome e a bebedeira que juntas transformam o homem em um vegetal. Quando viu estavam em uma mesa de jantar bem arrumada, do estilo aristocrático. Talheres de prata, cálices ao lado dos pratos, guardanapos compostos, toalha branca. Inocência mal conseguia distinguir direito as coisas. As velas que iluminavam a mesa lhe doíam os olhos.

— Senhor, quem bateu na minha cabeça?

— Ninguém, meu rapaz. Foi você mesmo que caiu lá embaixo.

— Meu amor — Dizia a jovem ao velho — Posso servir a ceia?

— Ainda não, Ligéia, antes de jantarmos sempre é bom tomar uns goles de vinho.

Ligéia acendeu uma vela que faltava a mesa, Inocência, nem preciso falar da confusão em que estava enxergando tudo abstrato por sua desgraça, distinguiu o semblante do amigo Antônio no outro lado da mesa, a sua esquerda. Uma esperança inocente surgia dentro da caverna.

— Antônio! Por onde andou? Que bom lhe ver!

Antônio não respondia. Inocência enganou-se ao reencontrar o amigo naquela mesa. Aos poucos ia reconhecendo à cena daquele lado. Antônio não usava um colete vermelho, de mangas brancas, mas havia ali a toalha ensopada de sangue. Seu rosto não estava sorrindo, tampouco respondia os seus cumprimentos, mas estava pálida e com uma expressão de agonia e silêncio. Uma estaca fincada no chão suportava sua cabeça lá no alto, da altura em que estaria se estivesse com o seu corpo e sentado. Inocência teve um assombro

fantasmagórico, chorava, não havia mais forças para sair dali correndo. Escutou, como as últimas vibrações de sua vida, a moça rindo ironicamente. O senhor que pensavam ser seu pai, mas que supostamente não o era, tirou da mesa uma adaga funesta, toda de prata. A menina, atrás do jovem, segurava-lhe os ombros. O homem veio vagorosamente ao seu encontro. Falava:

— Triste destino, rapaz.

— Mas não se preocupe, faremos as preces antes de bebermos vosso sangue.

— Replicava Ligéia, erguendo o pescoço do estudante...

Começa a clarear as ruas da cidade. Os primeiros raios de sol dobram-se entre os vãos das vias e edifícios. A menina olha para o bar, não há mais luz interior. A manhã se aproxima, o bêbado interrompe a sua história preocupado, veste seu casaco em um canto. A menina, ainda assombrada, mal podia mexer-se e muito menos caminhar, e fica ali franzindo a testa para o companheiro daquela noite.

— E aí, o que que aconteceu? — Conseguiu pronunciar.

O homem olha de canto, ajeitando ainda o seu antigo e esfarrapado casaco. A sombra começa a desfazer-se em claridade, a lua segue sua viagem como se Selene descesse na encosta de Peloponeso para beijar Endímion. O sol sobe.

— Jovem moça, foi um prazer papear com você. Eis uma história que lhe diverti um pouco, ainda que seja má e trágica. O sol nasce, é hora de ir, não posso trocar mais uma palavra. Adeus, senhorita. Prosperidade e muita paz!

A menina fica estarelecida enquanto o homem se distancia. Está curiosa, mas sua ressaca começa mal e calculou que não poderia sair dali, teria que achar sombra e dormir no beco. Não era a primeira vez que assim fazia. Quando o bêbado virou-se para ir embora, ela notou em seu pescoço uma ferida enorme, que lhe atravessava de orelha a orelha. Enquanto distanciava-se, percebeu uma trilha de sangue pingado que o seguia, e ao olhar para onde ele estava a noite inteira, notou pela luminosidade uma poça escarlate e fresca. Ela tremeu, mas de tão embriagada já nem pensava mais nisto quando caiu no sono. No entanto, ficou na dúvida, pela última vez que enxergou o homem distanciando-se do beco, se ele havia dobrado alguma esquina ou desaparecido entre a fria brisa da madrugada.

Fim

Data : 10/04/2015

Título : Sonho

Categoria: Poesia

Sonhar, é isto que tanto vale,  
É dizer ao amigo o que sonhou,  
O que se sonha...

Sonhar vai além do próprio ser

Dormir, é a nau que direciona.

Aquele que sonha é uma criança,  
Pois crianças são crias do sonho  
Somos todos infantes delirantes  
Que acordamos rudes e sem graça.

Vai, mais odiado dos seres!  
És admirável porque sonha!  
Se não sonhas, perde-se a esperança  
Não haverá lugar em tua alma,  
Nem paz, carinho, nem calma.

Sou teimoso, acredito em todos,  
Quando vê, na desconfiança  
Vejo iluminado uma caverna  
Que antes apenas assustava

Eis um miserável que sonha.

Data : 07/01/2016

Título : Sorrisos no banco

Categoria: Contos

Descrição: Descreve-se aqui um fato cotidiano, ambientado em uma agência bancária de uma cidade qualquer. Caso não fosse a pretensão ousada do narrador em expor uma cena da vida de Lígia, dentre toda essa confusão de uma tarde de trabalho, a história passaria despercebida, e pelo jeito ninguém observaria como se comportaram dois jovens distintos, que se reencontram pelo acaso, antes de suas vidas (e a do leitor) seguirem adiante.

Lígia sentia-se desconfortável e angustiada. Algo invisível e indecifrável roubava-lhe o típico sorriso do rosto. Pensava no mistério sinuoso que relacionava ao intenso vento lá fora; como se o vento apagasse a chama de uma vela posta sobre um pires, e cuja escuridão extinguiu o brilho de seu rosto.

Ao entrar no banco, de fones de ouvido e olhos baixos, pegou a senha e foi sentar-se timidamente ao canto esquerdo da ala de espera. Havia grande movimento porque era dia dez de janeiro. Os cochichos e as conversas altas ela não ouvia, mas queria mesmo que toda aquela gente fosse para os infernos, e que houvesse no mundo somente ela e a música que escutava.

Um senhor de idade, que recém chegara, fora chamado por primeiro. Algum funcionário importante do banco aproxima-se com largo sorriso no rosto, olhando senão para o velho no caixa. Apartam-se as mãos e começam a conversar entusiasmados. Tal papo impede a fila de circular. Lígia olha em volta para ver se alguém está tão desconfiado e indignado quanto ela, mas todos parecem alegres e conversam. “Maldita cidade pequena”, pensa ela. “Só há puxa sacos e gente supérflua”.

Aos poucos um homem adepto do fisiculturismo sentado em outra ala de espera, todo musculoso e tatuado, com regata justa de academia e tênis esportivo, faz com que ela se recordasse do namorado. Não sabia como continuava esse namoro tão estúpido e humilhante. “Não tenho nada a ver com ele”, pensava, como se fosse novidade tal epifania. Detesta gente que malha demais, pois passam o dia sem abrir um livro e se orgulham de ficarem dez horas em uma academia, como um hamster na jaula, correndo copiosamente na rodinha. Ainda mais os seus amigos, suas festas, suas saídas que ela evitava. Só houve uma única vez em um lago, quando começaram o namoro — cheio de surpresas perante a falta de convívio — que eles se divertiram muito, e isso trazia-lhe à mente prazeres nostálgicos.

Começa a suspirar e recoloca a mesma música diversas vezes no celular. A confusão no banco reinicia a cada cinco minutos. “Como sou idiota; namorar um cara assim!”.

Quando faltavam apenas seis na sua frente, Lígia sente alguém cutucando o seu ombro. Ao olhar reconhece o professor de filosofia, Ricardo Martins, conhecido de tempos.

Ele sorri para ela, queria conversar.

Lígia tira os fones e retribui o sorriso. Ricardo inicia:

— Olá Lígia, como vai?

— Vou bem... quer dizer, chateada um pouco com a demora.

O professor Martins é um jovem tutor de mais ou menos 25 anos. Haviam-se conhecido em um debate sobre antiguidade e modernidade. Ricardo fora um dos que compunham a mesa. A moça admirava-se com sua inteligência e em como posicionava-se ao discursar sobre tal e qual assunto. Ele possui olhos castanhos e impactantes, parecia mais um estrangeiro. No meio da rápida conversa, enquanto falavam sobre planos de vida, ela surpreende-se com a visão futura do amigo. Queria terminar o mestrado e começar o doutorado na Europa, quem sabe na Bélgica ou na Alemanha.

— Pois é — diz Lígia — realmente não sei o que uma pessoa como você faz neste inferno. Aqui o povo é alienado e muito simples. Tornam a vida de pessoas com um pouco mais de imaginação uma prisão.

— Faz sentido — Responde o jovem professor, notando o desconforto da amiga. Um silêncio breve se sucede. Quando tornam a olhar-se, ambos sorriem simultaneamente. O professor, mirando no fundo dos olhos castanhos dela e depois analisando-a dos pés à cabeça sussurra:

— Você está muito melhor...

— Como assim?

— Não sei, a primeira vez que te vi você era muito mais jovem, vivia lendo e mal conversava com as pessoas...

— Ah! — Surpreende-se Lígia. — Você lembra desta parte da minha vida!

Ambos riem cada um de seu jeito. Um tom de ironia marcava o rosto da menina, pois o orgulho defendia-se daquela réplica de sua fraqueza. Imagens passam em sua cabeça como cenas de um filme. Achava-se estranha mas de alguma forma rebelde quando nova, meio misantrópica. E solitária... claro, pouca gente para conversar.

— Eu também me lembro de você. Lembro-me que gostava muito de conversar com as pessoas e discursar política. Acho que você tinha uns dezessete anos e já era repleto de opiniões!

— É né... na verdade hoje eu não tenho tantas opiniões e nem gosto tanto de falar muito de política comparado àqueles dias. Hoje parece que todo mundo só quer insultar, não é ?

— Sim... sim. É uma pouca vergonha.

Lígia começa a sentir-se inquieta. O que ele queria? Por que a senha está ainda no 83? No entanto, se conhecêssemos ela de tempos, saberíamos que no fundo ela odiava ser elogiada. Além do mais, ela só queria resolver tudo o mais rápido possível e ir embora. Com a sua música, que continua a soar enquanto eles conversam. Traz então um assunto inesperado:

— Também me recordo quando você dava aula na escola M., você fez o estágio lá, não é?

— Ah sim! — Responde, exibindo sinais de repentina incomodidade. — Quando eu entrei você estava fazendo uma pesquisa na biblioteca.

— Isso, estava no meio estágio. Foi em agosto, não foi?

— Exatamente.

— E por que saiu da escola?

— Bem, bem... acho que na ocasião fui dispensado, arrumei outra escola.

— Mas todo mundo gostava de você lá... os professores te elogiavam, a diretora era sua amiga, eu não entendo!

Na verdade, Lígia sabia muito bem o que ocorrera. Até mesmo o professor previa que ela era conhecedora deste fato infame de sua carreira. O que acontecera naquela época, no bairro da escola, o fiasco, um dia de desaforo, da aluna querida e prevenida, que nada tinha de cautela, tão linda de uniforme azul e que passava e lhe cumprimentava e lisonjeava...

A mídia maldosa e oportunista espalhando notícias.

Lígia aproveitou o silêncio e a inquietação do professor para recolocar os fones, interrompendo a interação. Ele fica perplexo e depois finge calma, mesmo que em sua cabeça rode um tufão de pensamentos negativos e lembranças brutas. Ele fica ainda mais desvairado quando Lígia é chamada ao caixa e despede-se dando-lhe um beijo afetuoso na bochecha.

Pela expressão de seu rosto, um analista poderia confirmar que o jovem jamais pretenderia alguma relação senão a mais sincera amizade com a garota, e que ele a achava tão estimável e singular ao notarmos juntos o seu olhar triste que acompanha a menina distanciando-se.

O mesmo ruído monótono de gente falando, telefones tocando, e funcionários digitando as teclas dos computadores ressoa por ali, mais umas duas horas antes do banco fechar para todos irem embora e no outro dia ali retornarem. O vento outonal transpassa as frestas das janelas; A chamada soa:

— 85... Número 85...

As pessoas conversam alto, ninguém se aproxima.

— 86... número 86...

Data : 10/08/2019

Título : Teus olhos

Categoria: Poesia

Teus olhos não brilham  
No mundo em que vivo  
Teu toque é gelado, Giulia  
Porque aqui não existe.

O nada é gelado, imagine  
Toda a matéria escura do espaço  
Toda imensidão exagerada que se expande  
E de onde estamos, ao dar-mo-nos conta  
De que tudo há de ser um vazio expansivo.

Que mania das coisas, espalhar-se  
E no fim nenhum grito nem palavra  
A não ser do que vier entre energia e força  
Entre matéria e aquilo que se agita  
Entre eu aqui, e tu aí, e todo o universo  
Entre o que foi e será, entre a colisão dos átomos  
E os gritos mudos dos esplêndidos buracos negros...

Ano : 2020

Título : Uma manhã

Categoria: Contos

Há certas lembranças que nunca esqueceremos. São aquelas que nos marcaram de um modo especial, sejam elas positivas ou não.

Nunca me esquecerei daqueles dias da minha infância que, mesmo depois de tantos anos, aos trinta e cinco, me recordo perfeitamente.

Me chamo Jonathan, e esse fato curioso, da qual jamais pude entender, se passou ainda quando eu era garoto: um rapazinho agitado que adorava acordar cedo e brincar na rua até ao anoitecer. Morávamos em uma casa grande de dois pisos, eu, meus pais, irmão que ainda era bebê de colo e a minha avó, que passava bastante tempo cuidando do jardim. Era no interior de Doirada, longe da cidade grande onde hoje faço minha vida.

Tudo começou quando processaram a empresa do meu tio onde a maioria da família trabalhava, e assim nos encontrávamos em situação economicamente sensível, somando à crise do país. O meu pai estava desempregado, minha mãe ficava em casa com a avó cuidando do bebê, e tocávamos os dias com um pouco de dificuldade, mas sem perder a união familiar que sempre mantivemos.

Naquela terça, perdi o sono perto das seis da madrugada. Ao abrir as cortinas do meu quarto, no segundo andar, percebi que ainda estava noite, mas ao leste o céu começava a tomar cores. Desci as escadas, queria andar lá fora, pois poucas vezes tive o privilégio de explorar a casa a essas horas — principalmente antes da avó acordar. Chegando ao terraço, abri a porta da frente sentindo o ar gelado da manhã. Passarinhos cantavam por toda parte. Ao primeiro passo comecei a ouvir algo muito estranho vindo dos arbustos desgrehados que

temos frente à casa, como se alguém estivesse sussurrando com a voz rouca, e que só naquele momento de silêncio seria perceptível. Pensei fosse um bicho, gato ou cachorro que sempre perambulam em qualquer lugar e momento do dia. Perto do jardim, havia a seguinte cena:

Um ser pequeno e todo coberto por trapos velhos, capuz de lã, estava agachado ali no barro próximo ao portão entreaberto. Assim que me aproximei, pude notar que seus cabelos eram descoloridos e sua face envelhecida, como acontece em senhoras de idade avançada. Ela estava recitando algo em outra língua, eu sabia que aquele palavreado aparentemente desordenado era na verdade algum cântico/simpatia mágica em vai saber qual idioma.

Estaquei no chão, primeiramente, e depois tentei agir: Me aproximei a uns cinco passos do ser, juntando muita coragem para falar em meio ao palavreado macabro dela:

– Olá! Posso ajudar? – Assim dito, o ser parou de sussurrar e pulou de susto. Deixou algo cair no chão em seu movimento brusco, e saiu correndo portão a fora sem nem me olhar. Parecia um fantasma ou uma pessoa que não convive na sociedade, toda coberta andando pelas beiradas das casas apressada e imperceptível, como um gato noturno fugindo da alvorada.

Eu, criança ingênua, voltei para casa assustado com tudo aquilo. Trancada a porta, voltei ao quarto. Peguei subitamente no sono enquanto pensava na senhora. Quando acordei mais tarde tive a leve impressão de que a cena poderia ter sido um sonho, que eu não tinha acordado naquela manhã. A dúvida persistia. Desci as escadas sem ver ninguém. Estariam ainda dormindo? Deviam ser dez horas. Encontrei a porta da frente aberta, vozes vinham de fora. Era meu pai junto à avó no canteiro. Conversavam e pareciam preocupados. A avó segurava um objeto nas mãos.

– Olá Jonathan... Bom dia! Viu, sabes de quem é este horror? – E estendeu a mão onde segurava um crânio com um sinal na testa. Apavorado, corri novamente para o meu quarto. Só depois de muito insistirem foi que contei toda história. Eles se entreolharam, e minha vó ficou séria; por alguns segundos silenciosa até que finalmente disse:

– Vou jogar isso longe! E nunca mais tocamos no assunto. Sei muito bem do que se trata! Mas quero que prometam que nunca contarão a ninguém o que aconteceu hoje, certo? Isso é feitiço, bruxaria, sabe lá o quê. Jesus é mais forte. A partir de então, nunca mais tocamos no assunto. Nem faço ideia de que fim deu o crânio com o símbolo escrito na testa. Coincidentemente, ao nos livrarmos daquele objeto estranho a vida começou a melhorar, o meu tio conseguiu recuperar as rédeas da empresa e todos voltaram a trabalhar e produzir. Conselhos de avós ninguém deve ignorar, ainda mais se for um mistério do tipo. Aceitamos sinceros, ninguém quebrou a jura, menos eu, que hoje conto a vocês. Além do mais, faz tantos anos!

Data : 01/01/2019

Título : Versos

Categoria: Poesia

Versos

Â

Queria dedicar-te alguns versos,  
Que saiba nunca a ti chegariam  
Nem na língua tua estão escritos  
Como soprar ao vento plumas e pelos.

Queria... ah! Eu queria tão pouca coisa  
Bastaria ver-te um pouco mais  
Não beijar-te, nem recostar-me ao teu colo  
Como o leito do rio reclina-se ao solo,  
Por que isso é como sonhar com coisas doces  
Num sono primaveril de tardes monótonas  
Ou em noites onde todos estivessem fora  
E acorda-se leve observando o luar.

Mas meu sonho, levanto-o na noite fria  
De estar aí a sós com você  
E falaríamos de viagens e tudo que queiras  
E até escutar-te dizer sem uma palavra sequer.

E assim seria, veria enfim  
Frente a mim, muda e clara  
O semblante querido, um dia visto  
E que pude jamais de novo encontrar.

Como é bom sonhar, não é mesmo?  
Coisas que quem sabe em outro lugar  
Sejam alegrias de um mundo todo meu.

Data : 01/01/2019

Título : Versos II

Categoria: Poesia

Queria dedicar-te alguns versos,  
Que saiba nunca a ti chegariam  
Nem na tua língua estão escritos  
Como soprar plumas ao vento.

Queria... Ah! Eu queria tão pouca coisa  
Bastaria ver-te um pouco mais. Não te beijar,  
Nem me recostar em teu colo, como o leito  
Do rio se reclina ao solo, porque seria sonhar  
Com coisas doces, em sono primaveril de tardes

Monótonas ou em noites onde todos estivessem fora;  
E acordar leve observando o luar.

No meu sonho, levanto na noite fria  
Ao estar a sós contigo; falamos  
De viagens e tudo que queiras  
Eu a te escutar dizer qualquer palavra.

E assim seria, veria enfim, frente a mim,  
Mudo e claro, o semblante querido, um dia  
Visto e que não pude de novo encontrar.

Como é bom sonhar, não é mesmo?  
Algo que, quem sabe em outro lugar  
Seja a alegria de meu mundo.

Data : 01/01/2018

Título : Versos na manhã tranquila

Categoria: Poesia

#### Versos na manhã tranquila

Faz tanto tédio a vida moderna,  
No domínio virtual, aonde socializam,  
Ou se escravizam de sons e imagens  
Mas conhecer-te, como tu és  
Ninguém mais quer.  
Há heróis e celebrities aos montes,  
Que ganham likes e postam frases  
Ganham likes e postam frases  
Como se houvessem alguma novidade.  
Não há senão outros exemplos,  
De perfis tantos de gente só  
Mais vale ficar longe de tanta gente  
E entediar-se só, com as coisas de ontem.  
Ver o sol que nasce, 'inda que já o tenha visto  
E escutar os pássaros como se fosse a primeira vez  
Cantar como um louco a canção que se goste,  
E ser assim, sem amigos nem perfil.  
Caso fosse boa esta falada experiência,  
De conectar-se e conhecer gente nova,  
Conhecer-nos-famos e não precisaríamos  
De tanta atenção e rostos vagos.  
Ignoram-me tanto os imbecis fantasmas,  
Pelo menos não me enganam por todo...

O sol, meu amigo desta terra,  
Arrebenta esta manhã no pátio de casa.